

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
LINHA DE PESQUISA: ESTUDOS SEMIÓTICOS

NIELSON FIRMINO DE OLIVEIRA

**O ESPETÁCULO SEMIÓTICO DA LITERATURA SURDA ADAPTADA NO
GÊNERO DRAMA**

Orientadora: Profa^a. Dra^a. Janaína Aguiar Peixoto

João Pessoa
2023

NIELSON FIRMINO DE OLIVEIRA

**O ESPETÁCULO SEMIÓTICO DA LITERATURA SURDA ADAPTADA NO
GÊNERO DRAMA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras, na área de concentração Literatura, Cultura e Tradução, da linha de pesquisa Estudos Semióticos.

Orientadora: Profa. Dra. Janaína Aguiar Peixoto

João Pessoa – PB
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DO(A) ALUNO(A)
NIELSON FIRMINO DE OLIVEIRA

Aos catorze dias do mês de dezembro do ano de dois mil e vinte e três, às catorze horas, realizou-se, por videoconferência, a sessão pública de defesa de Dissertação intitulada: “O ESPETÁCULO SEMIÓTICO DA LITERATURA SURDA ADAPTADA NO GÊNERO DRAMA”, apresentada pelo(a) aluno(a) Nielson Firmino de Oliveira, que concluiu os créditos exigidos para obtenção do título de MESTRE EM LETRAS, área de Concentração em Literatura, Cultura e Tradução, segundo encaminhamento do Prof. Dr. Marco Valério Classe Colonnelli, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB e segundo os registros constantes nos arquivos da Secretaria da Coordenação da Pós-Graduação. O(A) professor(a) Doutor(a) Janaina Aguiar Peixoto (PPGL/UFPB), na qualidade de orientadora, presidiu a Banca Examinadora da qual fizeram parte o(a)s Professores Doutore(a)s Hermano de França Rodrigues (PPGL/UFPB) e Pedro Luiz dos Santos Filho (UFRN). Dando início aos trabalhos, o(a) Senhor(a) Presidente convidou os membros da Banca Examinadora para comporem a mesa. Em seguida, foi concedida a palavra ao(à) mestrando(a) para apresentar uma síntese de sua dissertação, após o que foi arguida pelos membros da Banca Examinadora. Encerrando os trabalhos de arguição, os examinadores deram o parecer final, ao qual foi atribuído o seguinte conceito: APROVADO. Proclamados os resultados pelo(a) Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, eu, Janaina Aguiar Peixoto (Secretária *ad hoc*), lavrei a presente ata, que assino juntamente com os membros da Banca Examinadora.

João Pessoa, 14 de dezembro de 2023.

Parecer: A banca apresentou contribuições e sugestões de ajustes e indicou o trabalho para publicação.

Profa. Dra. Janaina Aguiar Peixoto
(Presidente da Banca)

Prof. Dr. Pedro Luiz dos Santos Filho
(Examinador)

Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues
(Examinador)

Nielson Firmino de Oliveira
(Mestrando)

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

048ee Oliveira, Nielson Firmino de.

O espetáculo semiótico da literatura surda adaptada
no gênero drama / Nielson Firmino de Oliveira. - João
Pessoa, 2023.

83 f. : il.

Orientação: Janaína Aguiar Peixoto.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Semiótica. 2. Drama. 3. Literatura surda. 4.
Adaptação. I. Peixoto, Janaína Aguiar. II. Título.

UFPB/BC

CDU 81'22(043)

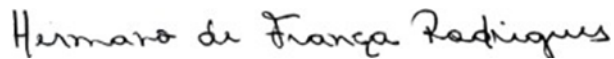
NIELSON FIRMINO DE OLIVEIRA

**O ESPETÁCULO SEMIÓTICO DA LITERATURA SURDA ADAPTADA NO
GÊNERO DRAMA**

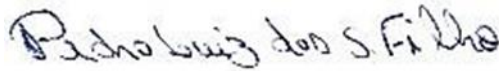
BANCA EXAMINADORA



Profa^a. Dra^a. Janaína Aguiar Peixoto – PPGL/UFPB (Orientadora)



Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues – PPGL/UFPB (Examinador interna)



Prof. Dr. Pedro Luiz dos Santos Filho – PPGEESP/UFRN (Examinador Externo)

DEDICATÓRIA

A Deus que me faz crescer em
sabedoria, a minha família que é a minha
base e aos meus amigos que são meu
escape.

AGRADECIMENTOS

Agradecer a Deus primeiramente, a quem sempre peço sabedoria.

Aos meus pais que são meus exemplos de vida, obrigado por sempre colocar os filhos à frente dos próprios sonhos, sempre se sacrificaram para dar aos filhos as oportunidades que não tiveram. Obrigado por sempre me apoiar, ficarem felizes pelas minhas conquistas.

A minha família de forma geral, minhas tias e tios, primos e a tanta gente que amo; me sinto feliz por ter nascido nessa família, quero especialmente me dirigir a minha avó para dizer obrigado por gerar tudo isso.

A “minha pessoa”, Maysa, que eu devo literalmente eterna gratidão, e isso se estende ao seu marido e filhos, Theo e Noah. Prometo retribuir todo o amor que recebo de vocês, mesmo ao ser acordado cedo.

Agradeço também aos meus amigos mais chegados, que me salvam do mundo, me divertem arrancam risadas de mim, me fazem fugir da realidade e esquecer qualquer problema, é só chamar que eu vou.

A minha orientadora, por todo trabalho desempenhado, tanto esforço colocado neste trabalho, ela que é um amor de pessoa, me fez passar por aqui com muita tranquilidade.

Por fim, agradeço a banca que gentilmente aceitou participar desse momento tão importante e que em muito contribui para este trabalho. Muito obrigada!

LISTA DE FIGURAS/ILUSTRAÇÕES/IMAGENS

Figura 1: Alice no país das maravilhas

Figura 2: A atriz negra Brenda Artigas

Figura 2: A atriz negra Brenda Artigas

Figura 4: Cartaz de divulgação do LIBRASFEST

Figura 5: Peça de teatro

Figura 6: Capa do Filme

Figura 7 – Alunos Caracterizados

Figura 8: Público do LIBRASFEST

Figura 9: Avaliadores surdos

LISTA DE ABREVIATURAS

ADJ - Adjuvante
ASL - Língua de Sinais Americana
BDTD – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CCHLA - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CM - Configuração de Mão
CP – Correio do Povo
DLS – Departamento de Língua de Sinais
DOR - Destinador
EXN - Expressões Não Manuais
EMEBS - Escola Municipal de Educação Bilíngue para Surdos
FENEIS - Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos INES - Instituto Nacional de Educação de Surdos
L - Locação
Libras - Língua Brasileira de Sinais
LIS - Língua de Sinais Italiana
LSB - Língua de Sinais Brasileira M - Movimento
MEC - Ministério da Educação
NTD - New York no National Theatre of the Deaf PA - Ponto de Articulação
PPGL - Pós-Graduação em Letras
PROLIBRAS – Exame de Proficiência em Libras S – Sujeito semiótico
SciELO - Scientific Electronic Library Online SW - Sign Writing
OP - Oponente
OR - Orientação da mão OV - Objeto de Valor
TILS - Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais
UFPB - Universidade Federal da Paraíba
UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSM – Universidade Federal de Santa Maria
UFPeI – Universidade Federal de Pelotas
Ø – Inexistência semiótica

RESUMO

Esta pesquisa apresenta um estudo desenvolvido no curso de mestrado do programa de pós-graduação em letras (PPGL-UFPB), tendo como objeto de estudo a literatura produzida na comunidade surda brasileira do tipo adaptada no gênero drama. Seu objetivo geral é analisar o espetáculo semiótico de uma obra literária do gênero drama adaptada nesta comunidade linguística. Este macro objetivo se desdobra nos seguintes objetivos específicos: Catalogar as obras disponíveis do gênero drama adaptadas na comunidade surda brasileira; Identificar os valores semióticos na obra literária selecionada; Analisar a obra com base nos níveis do percurso gerativo de sentido estudado pela Semiótica Greimasiana. Nesta discussão inédita exploramos a categorização apresentada por Peixoto (2023) que aborda a literatura produzida pela comunidade surda e subdivide-a em literatura surda, literatura em Libras e outras produções literárias de integrantes desta comunidade linguística. Norteando esta pesquisa, temos como base a Semiótica Greimasiana, para identificar os elementos do percurso gerativo de sentido na obra *João e Maria Surdos*, produzida em Libras e em Língua portuguesa por alunos do curso de extensão da UFPB. Entre os resultados obtidos durante a análise da obra nos níveis fundamental, narrativo e discursivo, temos a identificação e análise de relevantes temas abordados na obra, tais como: sobrevivência, rejeição, abandono, luta pelos direitos dos surdos, engano, manipulação, entre outros. Além disso, constatamos que, o gênero drama, como forma de arte da representação no palco, pode ensinar sobre os valores culturais da comunidade surda, e precisa ser mais trabalhada em sala de aula no ensino de Libras como segunda Língua (L2).

Palavras chave: Semiótica, drama, literatura surda, adaptação.

ABSTRACT

This research presents a study developed in the master's course of the postgraduate program in literature (PPGL-UFPB), having as its object of study literature produced in the Brazilian deaf community of the type adapted in the drama genre. Its general objective is to analyze the semiotic spectacle of a literary work of the drama genre adapted in this linguistic community. This macro objective unfolds into the following specific objectives: Catalog the available works of the drama genre adapted in the Brazilian deaf community; Identify the semiotic values in the selected literary work; Analyze the work based on the levels of the generative path of meaning studied by Greimasian Semiotics. In this unprecedented discussion, we explore the categorization presented by Peixoto (2023), which addresses the literature produced by the deaf community and subdivides it into deaf literature, literature in Libras and other literary productions by members of this linguistic community. Guiding this research, we are based on Greimasian Semiotics, to identify the elements of the generative path of meaning in the work *João e Maria Surdos*, produced in Libras and Portuguese by students from the UFPB extension course. Among the results obtained during the analysis of the work at the fundamental, narrative and discursive levels, we have the identification and analysis of relevant themes addressed in the work, such as: survival, rejection, abandonment, fight for the rights of the deaf, deception, manipulation, among others. Furthermore, we found that the drama genre, as an art form of representation on stage, can teach about the cultural values of the deaf community, and needs to be worked on more in the classroom when teaching Libras as a second language (L2).

Keywords: Semiotics, drama, deaf literature, adaptation.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	13
1.1	TEATRO EM LIBRAS NA UFPB	15
1.2	OS FESTIVAIS EM LÍNGUAS DE SINAIS	17
2.	O ESTADO DA ARTE	20
3	CULTURA SURDA E LITERATURA	23
3.1	OS ARTEFATOS CULTURAIS	24
3.1.1	O Artefato cultural literário	24
4.	O GÊNERO DRAMÁTICO E A SEMIÓTICA	27
4.1	RELATO DA AUTORA KARIN STROBEL DO LIVRO AS IMAGENS DO OUTRO SOBRE A CULTURA SURDA (2008)	30
4.2	RELATO DE NELSON PIMENTA	34
5.	PERCURSO METODOLÓGICO	40
5.1	TRAJETO METODOLÓGICO	41
5.2	O <i>corpus</i>	41
5.2.1	A HISTÓRIA DE JOÃO E MARIA E SUAS ADAPTAÇÕES	41
5.2.2	A HISTÓRIA DE JOÃO E MARIA PRODUZIDA NA COMUNIDADE SURDA	43
6.	ANÁLISE E RESULTADOS	45
6.1	CONTEXTUALIZAÇÃO DA OBRA	45
6.2	ANÁLISE DO PERCURSO GERATIVO DE SENTIDO	47
7.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
8.	REFERÊNCIAS	70
	ANEXO I	77

1. INTRODUÇÃO

Com o avanço da tecnologia os registros de literatura produzida na comunidade surda tem se popularizado na internet e em formatos digitais, vivemos atualmente um período de visibilidade de produções culturais da comunidade surda que vem ganhando força desde o ano de 2002, pela Lei 10.436, que reconhece a Língua Brasileira de Sinais (Libras), e com esta condição linguística possibilitou a produção de literatura sinalizada, textos em escrita de sinais e diversos gêneros literários, entre eles o drama.

Meu primeiro contato com a Libras aconteceu ainda na minha primeira graduação, no curso de licenciatura em química, no Instituto Federal de educação, ciência e tecnologia da Paraíba (IFPB), em 2010. Em poucos meses de convivência com a comunidade surda pude conhecer histórias, piadas e tradições da comunidade surda.

A partir dessa inserção comecei a conviver com surdos em ambientes religiosos, sendo intérprete voluntário na igreja, essa experiência me possibilitou o contato com a prática de interpretação simultânea em cultos, eventos, músicas, peças de teatro etc.

Em 2013 com a oferta da proficiência em Libras ofertada pela UFSC, então pude obter minha primeira certificação em Libras, fui contratado como tradutor intérprete na instituição onde havia tido contato pela primeira vez com a língua de sinais. Atuei como tradutor intérprete de libras até 2016 no IFPB, atuando em sala de aula no nível médio, técnico e superior, nos mais diversos cursos ofertados por aquela instituição. Ainda em 2016 prestei concurso público para a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), e comecei a trabalhar como tradutor intérprete de libras nesta instituição, participando de vários projetos de extensão, tradução de textos e materiais didáticos em Libras.

No ano de 2016 ao participar presencialmente do 1º Congresso Nacional de Pesquisas em Linguística e Línguas de Sinais na cidade de Florianópolis, promovido pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, onde, na programação cultural deste congresso foi apresentado um espetáculo

dramático de um clássico mundial “Alice no país das maravilhas” de Lewis Carroll com uma proposta diferente, de maneira que o espetáculo foi apresentado em língua de sinais e com uma narração e interpretação em língua portuguesa disponível de forma oral. Este contato viria a ser uma inspiração para o desenvolvimento das atividades no curso de extensão em Libras da UFPB que, posteriormente, acarretou no objeto de estudo desta pesquisa.

Os cenários e figurinos eram compostos por dobraduras de papel que se encaixavam como origamis e se transformavam cena após cena. O espetáculo semiótico, compreendido neste trabalho como a arte da representação dando um show de significação, proporcionava a compreensão total deste clássico e me imergiu em um mundo de possibilidades ligando a literatura, a língua de sinais e a arte da representação, o teatro. A seguir temos uma imagem da mesma peça encenada na UFSC, e a peça

Figura 1: Alice no país das maravilhas



Fonte: Google Imagens

A atriz negra Brenda Artigas é responsável por dar vida à personagem Alice (figura 2). De acordo com a diretora Adriana Somacal em entrevista ao jornal Correio do Povo em 2016, a Alice apresentada não é uma reprodução do imaginário Disney ou das ilustrações originais do Tenniel. A personagem foi transformada de uma menina de cabelos curtos e castanhos em uma personagem de cabelos compridos e loiros. O objetivo é promover um reencontro da plateia com o imaginário do País das Maravilhas e provocar o

público a pensar que existem muitas 'Alices' e que dentro de cada um de nós, somos todos 'Alice'.

Figura 2: A atriz negra Brenda Artigas



Fonte: Adriana Marchiori / Divulgação / CP

Uma versão da peça está disponível no youtube e conta com comentários da atriz surda que dá vida a protagonista da história clássica e pode ser acessada através do QRcode a seguir.

Figura 3: QRcode para acesso a peça



Fonte: criado pelo autor

1.1 TEATRO EM LIBRAS NA UFPB

As atividades de extensão universitária na UFPB são uma forma de integrar o ensino e a pesquisa com as demandas da sociedade, contribuindo para o desenvolvimento social, cultural, econômico e ambiental do país. A UFPB oferece diversas modalidades de atividades de extensão, como cursos, eventos, programas, projetos, prestação de serviços, entre outras. Essas atividades envolvem docentes, discentes, técnicos-administrativos e comunidade externa, em diferentes áreas do conhecimento.

A Universidade Federal da Paraíba teve um projeto de extensão coordenado pela Professora Dra. Nayara Adriano que oferecia um curso de Libras organizado de maneira modular, o curso foi dividido em seis módulos e tinha o objetivo final de promover a comunicação em línguas de sinais. No ano de 2017 passei a compor o grupo de monitores que ministravam aula neste projeto, e tive a honra e responsabilidade de assumir um grupo de alunos do módulo V, com o desafio de trabalhar a conversação em Libras e conceitos de literatura dentre outros conteúdos pré-definidos para o módulo.

Diante da necessidade de criação de atividades que pudessem contemplar a conversação e a literatura decidi trabalhar a contação de fábulas, histórias clássicas e outras obras literárias em sala de aula. Os alunos precisariam traduzir para Libras e adaptar as histórias clássicas para o contexto da cultura surda, além disso contar estas histórias usando a língua brasileira de sinais de maneira individual ou coletiva. Como proposta final do módulo os alunos poderiam rerepresentar aquela atividade de maneira mais elaborada, com tempo para compor os personagens com figurinos, maquiagens e cenários.

Com a atividade bem-sucedida, pude repetir esta atividade com as turmas seguintes e compartilhar com outros colegas monitores a experiência de utilizar o gênero dramático e o espetáculo semiótico para a produção de novas literaturas em Libras, culminando no 1º LIBRASFEST, um evento realizado em forma de festival no dia do surdo (26 de setembro) em 2019.

Figura 4: Cartaz de divulgação do LIBRASFEST



Fonte: UFPB/CCHLA/DLS

1.2 OS FESTIVAIS EM LÍNGUAS DE SINAIS

De acordo com Sutton-Spence (2023) Os festivais de literatura (ou folclore) de Libras são eventos significativos para a promoção e ensino da literatura em língua de sinais para adultos. Neles, membros da comunidade surda têm a oportunidade de assistir a performances literárias de artistas surdos reconhecidos, como peças de teatro, contos, narrativas, piadas e poemas.

Existem vários festivais que celebram a arte, a cultura e a identidade das comunidades surdas. Alguns dos destes festivais estão listados a seguir:

a) Festival Brasileiro de Cultura Surda: realizado pela UFRGS, UFSM e UFPel, tem como objetivo dar visibilidade e contribuir para a divulgação das produções culturais das comunidades surdas brasileiras, potencializando intercâmbios entre os diferentes atores envolvidos na produção, circulação e consumo dos artefatos pertencentes à cultura surda. O festival abrange quatro eixos: mídia-cinema, literatura, teatro e artes visuais. As línguas oficiais do festival são a Libras, o Português, o Inglês e os Sinais Internacionais. O festival acontece a cada dois anos, em diferentes cidades do país. A última edição foi em 2019, em Porto Alegre.

b) Teatro em Libras: um projeto da Escola Municipal de Educação Bilíngue para Surdos (EMEBS) Vera Lúcia Aparecida Ribeiro, em São Paulo, que busca a inclusão de adolescentes surdos no contexto do mundo ouvinte, através da montagem e apresentação de peças em Libras, com intérpretes para o português. O projeto também visa fomentar uma abordagem crítica dos estudantes sobre os temas políticos e sociais do país, utilizando diferentes fontes de informação e obras literárias como referência. O projeto é realizado desde 2016, e já apresentou peças como “A Revolução dos Bichos”, “A Volta ao Mundo em 80 Dias” e “O Pequeno Príncipe” em diferentes espaços culturais da cidade, como o CEU Vila Atlântica e o Teatro Municipal de São Paulo.

c) Palhaços Surdos: Uma companhia de teatro surdo da Amazônia que se apresenta com espetáculos visuais feitos por mímica, sem tradução em Libras.

Ainda de acordo com SUTTON-SPENCE (2023) O objetivo principal nesses festivais é proporcionar entretenimento, e a autora ressalta que muitas pessoas têm seu primeiro contato com a literatura em Libras nesses eventos e que os espectadores ao assistirem às performances, podem voltar para casa inspirados e motivados pelos artistas a criarem suas próprias obras.

Outro exemplo de festival internacional é o “Deaf Culture Centre’s Literary Festival”, que acontece em Toronto, Canadá, e é organizado pelo Deaf Culture Centre, como destaca Sutton-Spence:

Há também festivais de folclore e literatura surda realizados em diversos países que incluem nas suas programações aulas, oficinas e workshops com o intuito de encorajar as pessoas surdas a participarem da literatura e do folclore surdo e a falarem a respeito disso. Nesses eventos, elas aprendem a criar suas próprias obras literárias, ao invés de serem meras espectadoras (SUTTON-SPENCE et al., 2016).

O formato do evento LIBRASFEST realizado na UFPB permitiu que cada módulo do curso de extensão em Libras pudesse apresentar uma produção artística com premiação para os melhores grupos escolhidos por jurados surdos.

O grande espetáculo semiótico foi gerado de maneira espontânea, com a utilização de cenários, objetos, figurinos e maquiagens para compor o espaço cenográfico das apresentações, como exemplo, o grupo de alunos pelo qual estive responsável apresentou em Libras o clássico “João e Maria” utilizando o gênero drama.

Com esta atividade sendo executada nas turmas da extensão, fomentamos novos registros literários no gênero drama e de maneira inédita uma discussão sobre os elementos semióticos pode ser realizada nesse tipo de texto sinalizado, criado especificamente para ser representado. Não existem trabalhos com este tema de pesquisa até aqui, mesmo com a língua de sinais sendo reconhecida a mais de vinte anos, e o primeiro registro comercial de literatura surda surgir a mais de duas décadas, se tratando da coletânea Literatura em LBS do ator surdo Nelson Pimenta no ano de 1999.

Com isso, mostramos que podemos estimular o surgimento de novos artistas e públicos de literatura em Libras. O contato entre pessoas surdas em contextos que permitem o desenvolvimento desta literatura é muito importante. Nenhum artista nesta área surge de repente como artista completamente formado. Suas experiências na escola e na universidade, sua exposição ao teatro surdo e a outras literaturas, em todos os casos, seus encontros com outros artistas de literatura surda, fazem com que se tornem o que são hoje. Da mesma forma, os públicos devem conhecer se acostumar à literatura surda para valorizar e promover essa parte da cultura surda.

Sendo assim, o objetivo geral é analisar o espetáculo semiótico de uma obra literária do gênero drama adaptada na comunidade surda brasileira. Este macro objetivo se desdobra especificamente em: Catalogar as obras disponíveis do gênero drama adaptadas na comunidade surda brasileira; Identificar os valores semióticos na obra de literária selecionada; Analisar a obra com base nos níveis do percurso gerativo de sentido estudado pela Semiótica Greimasiana.

2. O ESTADO DA ARTE

Alguns fatores podem limitar o acesso e a produção de conhecimento sobre o gênero dramático em Libras, o teatro em Libras e a teoria semiótica de Greimas. No entanto, também podem estimular novas pesquisas e reflexões sobre esse tema, que é tão importante para a valorização e a difusão da cultura e da literatura surdas no Brasil. A seguir apresentaremos uma tabela com os artigos disponíveis no google acadêmico, na plataforma Scielo e outros repositórios institucionais como da UFPB e UFSC.

Ao pesquisar os termos semiótica, Libras, teatro, gênero dramático obtivemos mais de 6 mil resultados, mas com a filtragem temática apresentamos alguns resultados que se aproximam do objeto de pesquisa deste trabalho:

Quadro 1: Estado da arte

Autores	Tema	Local	Ano
VIEIRA, Saulo Zulmar	A produção narrativa em Libras: uma análise dos vídeos em Língua Brasileira de Sinais e da sua tradução intersemiótica a partir da linguagem cinematográfica	Repositório UFSC	2016
FOMIN, Carolina	Verbo-visualidade e seus efeitos na interpretação em Libras no teatro	Repositório PUCSP	2016
SANTOS, Sandra Maria Diniz Oliveira	Transcodificação de contos populares para Língua Brasileira de Sinais: uma leitura semiótica da cultura surda	Repositório UFPB	2017
COSTA, Nascimento Saulo	O Pequeno Príncipe De Saint-Exupéry: uma leitura semiótica da tradução do português para Libras	Repositório UFPB	2018

LOBO, Penélopey Muniz Martins	Poe: do conto à dramaturgia em movimento semiótico	Repositório PUCGOIAS	2020
PEREIRA, Maria Cristina Pires	Tradução intersemiótica e a Libras	Repositório UFGRS	2021
SOUSA, Légio Josias Gomes de	Vida e obra do poeta popular surdo Maurício Barreto: um estudo de abordagem semiótica	Repositório UFPB	2021
VIEIRA, Maysa Ramos	O passarinho diferente: uma análise semiótica na literatura surda	Repositório UFPB	2021
FLORÊNCIO, Suelismar Mariano ROSA JÚNIOR, Rubens MILANI, Sebastião Elias	Breve historiografia dos estudos semióticos da gestualidade no Brasil	Repositório UFG	2022
SANTOS, Ricardo Ferreira	A autoria na tradução artístico-poética da Língua Portuguesa para a Libras: (in)visibilidade em dimensão verbo-visual	Repositório PUCSP	2022
FOMIN, Carolina Fernandes Rodrigues	Teatro com interpretação para Libras: redes e relações discursivas	Repositório PUCSP	2023

Fonte: elaborado pelo autor

Evidenciamos que há uma dificuldade de encontrar artigos que abordem especificamente o gênero dramático em Libras, o teatro em Libras e a teoria semiótica de Greimas de maneira associada, os temas estão mais detalhados nos capítulos a seguir e as dificuldades de artigos podem ser devido a alguns fatores, tais como:

I- A escassez de pesquisas acadêmicas sobre a cultura e a literatura produzida na comunidade surda no Brasil, especialmente no campo do teatro e da dramaturgia;

II- A falta de reconhecimento e valorização da Libras como uma língua natural, com sua própria estrutura, gramática e modalidade visual-espacial;

III- A dificuldade de traduzir e interpretar os textos dramáticos do português para a Libras, levando em conta os aspectos verbais e não verbais, gestuais, corporais e cênicos que compõem a linguagem teatral;

IV- A necessidade de desenvolver uma dramaturgia sinalizada em Libras, que considere as especificidades da língua de sinais e da cultura surda, bem como os papéis do ator e do diretor surdos na criação e na encenação das obras.

3 CULTURA SURDA E LITERATURA

Considerando as produções culturais surdas e os estudos culturais, um livro muito importante e que é referência para a área de estudos culturais do povo surdo se intitula “*As imagens do outro sobre a cultura surda*”, o livro foi escrito pela autora surda Karin Strobel no ano de 2008.

As imagens do outro sobre a cultura surda são desconstruídas e a partir dos escombros se traduzem em outras possibilidades de se ver o mundo dos surdos, ou melhor, o povo surdo. Todo o texto é situado historicamente, pois as imagens refletem os movimentos históricos que envolveram os surdos (QUADROS, 2008 apud STROBEL, 2008).

Strobel discute os conceitos de cultura sobre a perspectiva do surdo, traz questionamentos, como por exemplo: Os surdos têm cultura? No decorrer do livro, a autora explica sobre o conceito de povo ou comunidade e apresenta os artefatos culturais deste povo.

Parte das experiências visuais, conversa sobre a língua de sinais, uma língua que também é uma experiência visual, as famílias, a literatura, o lazer, as artes, a política e os materiais. Todos estes artefatos concebidos a partir do VER. (QUADROS, 2008 apud STROBEL, 2008)

Karin apresenta diversos relatos pessoais no decorrer do texto para que possamos conhecer e compreender a cultura surda, essa compreensão se dá pelo reconhecimento das diferenças, para que possamos ter um novo olhar a respeito dos surdos.

Além de relatos pessoais, a autora também traz outros relatos de surdos que passam por experiências parecidas e podem compartilhar os mesmos sentimentos, um desses relatos que está no livro foi uma experiência real do professor surdo Nelson Pimenta, em sua infância, que apresentaremos posteriormente neste texto.

Podemos perceber quão vastas são as questões culturais do povo surdo que podem proporcionar estudos semióticos, podemos compreender o relato Nelson pimenta apresentado por Karin Strobel e mergulhar mais profundamente na perspectiva da autora sobre a cultura surda e seus olhares.

3.1 OS ARTEFATOS CULTURAIS

Considerando o livro “As imagens do outro sobre a cultura surda” (2008) de Karin Strobel como um marco na área de estudos culturais surdos, as produções culturais do povo surdo foram categorizadas em oito artefatos: Experiência Visual, Linguístico, Familiar, Literatura Surda, Vida Social e Esportiva, Artes Visuais, Política e Materiais.

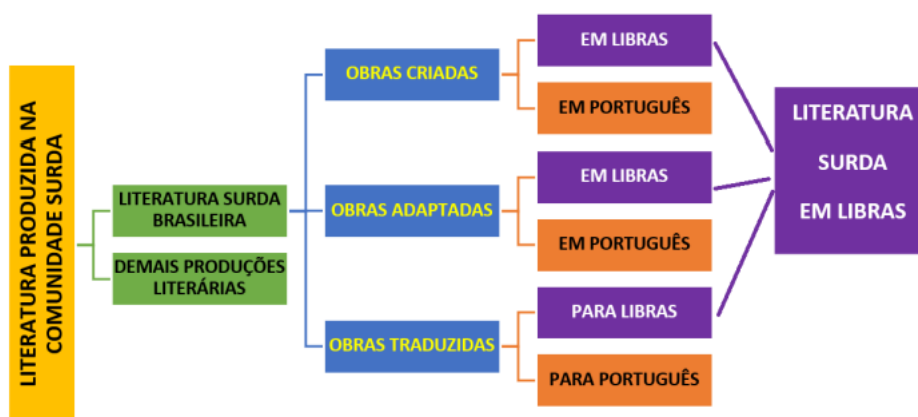
As produções de sujeitos surdos não são apenas produções materiais, essas produções culturais são também experiências sociais, hábitos, e por isso, podemos dizer que algumas produções são imateriais.

Peixoto (2018) acrescenta um nono artefato, o religioso:

Este povo sem delimitação geográfica, porém com identidade cultural própria, também possui em sua essência uma característica inerente do ser humano, o recorte da religiosidade, que abrange crenças, valores e práticas religiosas produzidas por sujeitos surdos. (Peixoto, p.190, 2018)

3.1.1 O Artefato cultural literário

Nesta pesquisa de enfoque literário abordaremos de forma mais profunda o artefato cultural denominado como literatura e se tratando de Literatura na comunidade surda, podemos explorar a categorização apresentada abaixo que aborda a esse tipo de produção.



Fonte: Peixoto in Castro [et all] (2023, p.20)

A literatura produzida na comunidade surda consiste em todas as obras produzidas por esta comunidade linguística, então, produções literárias traduzidas, adaptadas e criadas, por pessoas surdas ou ouvintes que participam da comunidade surda, essas obras se apresentam em língua portuguesa ou em língua de sinais. Ainda na língua de sinais essas obras podem ser produzidas na modalidade escrita (signwriting) ou na modalidade sinalizada.

Uma das principais marcas da literatura surda é carregar elementos da identidade e cultura do povo surdo, proporcionando uma experiência de releitura quando as obras são baseadas em clássicos criados por ouvintes PEIXOTO (2023).

A adaptação de literaturas para a comunidade surda pode ser conceituada de acordo com Peixoto (2016, p.56):

São as produções feitas a partir de obras já existentes para o público ouvinte, como contos fábulas, porém com adaptações para a cultura surda. Nesta releitura das histórias são inseridos fatos históricos da comunidade e elementos do mundo dos surdos. Geralmente este tipo de produção feita pelos surdos é elaborada em LIBRAS e publicada em língua portuguesa ou escrita da língua de sinais com complementos de ilustrações.

Sendo assim, as adaptações abrem infinitas possibilidades de produção de novas obras nos mais diversos gêneros textuais, especificamente o gênero drama pode ser usado para concretizar espetáculos já produzidos em língua portuguesa e agora adaptados para a literatura visual.

Existem diferenças importantes entre o teatro falado e o teatro em língua de sinais. O teatro falado se baseia na fala e nos diálogos, enquanto o teatro em língua de sinais se baseia nos gestos e nas expressões faciais. No teatro falado, os atores usam o som de suas vozes para expressar sentimentos e ideias ao público, enquanto no teatro em língua de sinais, os atores usam os movimentos das mãos e do rosto para comunicar informações e emoções.

Além disso, no teatro em língua de sinais, há a necessidade de um intérprete simultâneo para traduzir a fala para a língua de sinais ou vice-versa.

O teatro em língua de sinais também pode ser usado como um recurso para ensinar a língua de sinais e estimular a inclusão social. Uma forma de teatro criativa e original que envolve bonecos, máscaras, objetos, sombras e outras figuras animadas, valorizando o trabalho de artistas surdos e o uso de sua própria língua visual para se expressar em cena é o Teatro de animação em língua de sinais.

4. O GÊNERO DRAMÁTICO E A SEMIÓTICA

A semiótica é o estudo dos signos e símbolos e sua interpretação. No teatro, a semiótica é usada para transmitir mensagens e emoções ao público. Em língua de sinais, a semiótica é usada para transmitir informações e emoções por meio de gestos e expressões faciais. O teatro em língua de sinais é uma forma de arte que usa a língua de sinais para contar histórias e transmitir emoções. Ele pode ser usado como uma ferramenta para ensinar a língua de sinais e promover a inclusão social. Um exemplo de como o teatro pode ser usado para ensinar a língua de sinais é através da realização de peças teatrais em língua de sinais, que podem ajudar as pessoas a aprenderem a língua de sinais enquanto se divertem. Além disso, o teatro em língua de sinais pode ajudar a promover a inclusão social, permitindo que as pessoas surdas se expressem e sejam ouvidas.

De acordo com Guimarães o gênero dramático designa os textos literários feitos para serem representados no palco e apresenta características tais como textos em forma de diálogos, a divisão de atos e cenas, a presença de rubricas onde os espaços ou situações são descritas antes de cada ato, e por fim uma sequência da ação dramática geralmente constituída de exposição, conflito, complicação, clímax e desfecho.

De acordo com as conclusões de Lotman (2002, p. 431) o teatro seria uma verdadeira “enciclopédia da semiótica”:

Isso porque a cena, composta de aspectos tão múltiplos e variados como dramaturgia, iluminação, cenografia, sonoplastia, corpo e voz dos atores e atrizes, bem como a própria postura do espectador na plateia, consegue reunir em um mesmo sistema inúmeros outros sistemas sógnicos. Nascimento (2019).

Os elementos do texto dramático em um espetáculo semiótico como o protagonista, o antagonista, o conjunto de atores que compõem as ações ao longo da peça e a catarse que é a purgação experimentada pelo público de uma tragédia, o qual poderia apaziguar suas angústias internas por meio das emoções representadas nas cenas, colocam a semiótica em uma posição abrangente que se liga aos mais variados tipos de arte.

Sousa (2018) identificou o artefato cultural literatura em um seriado de TV chamado *Switched at birth* onde explica que:

Para tanto, a obra como um todo é um artefato de Artes Visuais (produção fílmica) de grande relevância para as comunidades surdas espalhadas em diversos países, ou seja, o Povo Surdo que não possui demarcação territorial, porém baseiam sua construção de mundo em vivências visuais, possuindo assim, uma cultura surda compartilhada entre as gerações. Sousa (2018, p.19)

Sousa (2018) aponta para a apresentação de teatro de forma traduzida do clássico de William Shakespeare denominado *Romeu e Julieta* que é apresentado por alunos surdos no mesmo seriado, que são representados atores surdos.

Figura 5: Peça de teatro



Fonte: Google Imagens

De acordo com Batista (2009, p. 1), a semiótica é o estudo da significação, concebida como função semiótica e definida no interior dos signos verbais, não verbais e complexos ou sincréticos.

Além dos fatores internos da construção do texto, a semiótica se preocupa em estudar tanto os aspectos e fatores externos que influenciam sua produção. Greimas (1975) afirma que a semiótica é a “teoria de todas as linguagens e de todos os sistemas de significação”, enquanto SUTTON-SPENCE (2023) ressalta a importância de se criar uma imagem forte na contação das narrativas:

Em alguns contextos, não é adequado aumentar ou exagerar os personagens e uma boa contadora (ou um bom contador) de histórias sabe quando fazer, ou não, isso. As crianças gostam do exagero e as histórias infantis muitas vezes geram sinais aumentados. SUTTON-SPENCE (2023)

Para nortear esta pesquisa, utilizaremos como base a Semiótica francesa, Greimasiana, que segundo Nóbrega (2012, p.32) conceitua:

A teoria Greimasiana, compreendendo que a realização da linguagem é um percurso, ou um fazer do sujeito semiótico, considera este percurso compreendido em três momentos que chamamos de estruturas: a fundamental, a narrativa e a discursiva. Cada nível compreende dois subníveis: um de natureza semântica, outro sintática.

A semiótica greimasiana é uma teoria da significação que enfoca a construção de sentido nos diversos textos, no mundo como um texto. O problema da significação é estudado nesta teoria, o sentido é definido como uma rede de relações, de modo que os elementos do conteúdo adquirem sentido através das relações estabelecidas entre eles.

A semiótica greimasiana baseia-se na ideia de percepção de sensações, acrescentando o caráter inteligível. É nessa relação entre o cognitivo e as sensações que o sujeito acessa o mundo. Portanto, a estética não é mais vinculada somente ao belo, mas à estesia, ou seja, à percepção através dos sentidos. Vamos trazer os conceitos dos níveis de acordo com Batista (2009):

Fundamental

Também dita como semântica profunda, constitui a primeira etapa no percurso que gera a significação, ou o ponto de partida na formação do discurso.

Narrativas

Também chamadas pelo nome singular narrativização apresentam uma sintaxe e uma semântica narrativa, embora torne-se difícil, no momento da análise, separar os dois subníveis.

Discursivas

A discursivização corresponde ao nível mais superficial do percurso gerativo da significação em discurso as estruturas

Fonte: Quadro elaborado pelo autor, a partir dos conceitos de (BATISTA, 2009).

Para esclarecer de forma mais detalhada a aplicabilidade deste aparato teórico-metodológico, utilizando os três níveis do percurso gerativo de sentido, apresentaremos a seguir de forma exemplificada, uma resumida análise de dois relatos que emergiram do contexto da cultura surda:

4.1 RELATO DA AUTORA KARIN STROBEL DO LIVRO AS IMAGENS DO OUTRO SOBRE A CULTURA SURDA (2008)

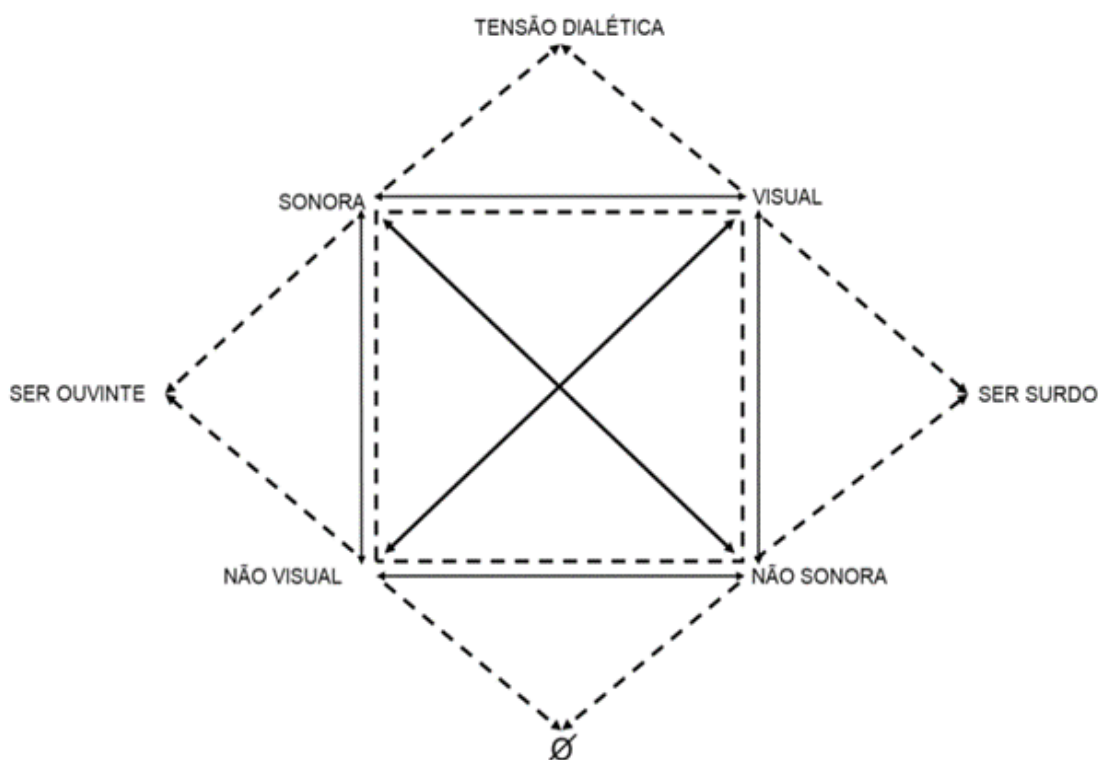
Uma vez meu namorado ouvinte me disse que iria fazer uma surpresa para mim pelo meu aniversário; falou que iria me levar a um restaurante bem romântico. Fomos a um restaurante escolhido por ele. Era um ambiente escuro, com velas e flores no meio da mesa. Fiquei meio constrangida porque não conseguia acompanhar a leitura labial do que ele me falava, por causa de falta de iluminação e pela fumaça de vela que desfocava a imagem do rosto dele, que era negro; e para piorar, havia um homem no canto do restaurante tocando música que, sem que eu pudesse escutar, me irritava e me fazia perder a concentração por causa dos movimentos dos dedos repetidos de vai e vem com seu violino. O meu namorado percebeu o equívoco e resolvemos ir a uma pizzaria! (STROBEL, 2008, p.38)

a) Exemplificando o Nível Fundamental

No texto, a experiência sonora age como elemento em disforia em relação experiência visual da autora surda, observemos o octógono a seguir.

De acordo com o octógono abaixo, podemos observar que os valores surgem de acordo com as relações dos sujeitos no relato. Inicialmente vemos a experiência sonora e visual que representam a dêixis positiva, esses elementos são contrários em sua relação. Na parte inferior vemos a dêixis negativa e a relação se dá entre o não visual e o não normal.

Nas linhas diagonais temos relações de contradição, no caso são estabelecidas entre: Sonora e Não Sonora, também entre Visual e Não visual. As linhas verticais mostram o eixo de implicação onde Sonora e Não Visual implica em Ser ouvinte, também vemos Visual e Não sonora implicarem em Ser surdo.



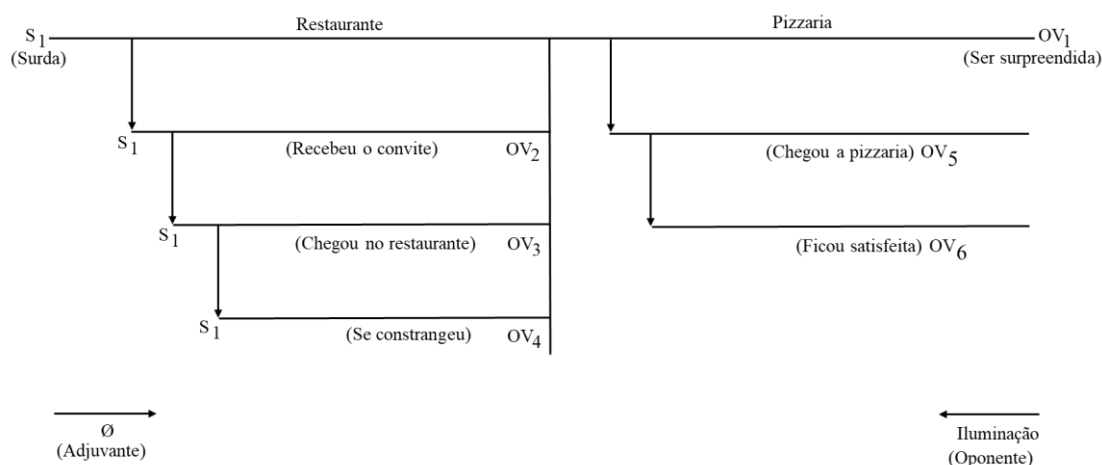
O Não visual e o Não sonoro constituem a inexistência semiótica, representada pelo símbolo de vazio ($\emptyset$).

Essa tensão entre “ser surdo” e “ser ouvinte” acontece no relato pelas diferenças culturais que as comunidades apresentam. É comum que casais

façam um jantar romântico a luz de velas para a comunidade ouvinte, mas isso não é adequado quando consideramos a experiência visual intrínseca para a comunidade surda.

b) Exemplificando o Nível Narrativo

Na leitura semiótica conseguimos identificar dois sujeitos semióticos: O sujeito 1(S1) e o sujeito semiótico 2 (S2). O sujeito semiótico 1 é figurativizado pela namorada surda que tem como objeto de valor (OV1) ter um lugar adequado para jantar, que para alcançar esse objetivo o S1 faz um percurso que se divide em dois momentos.



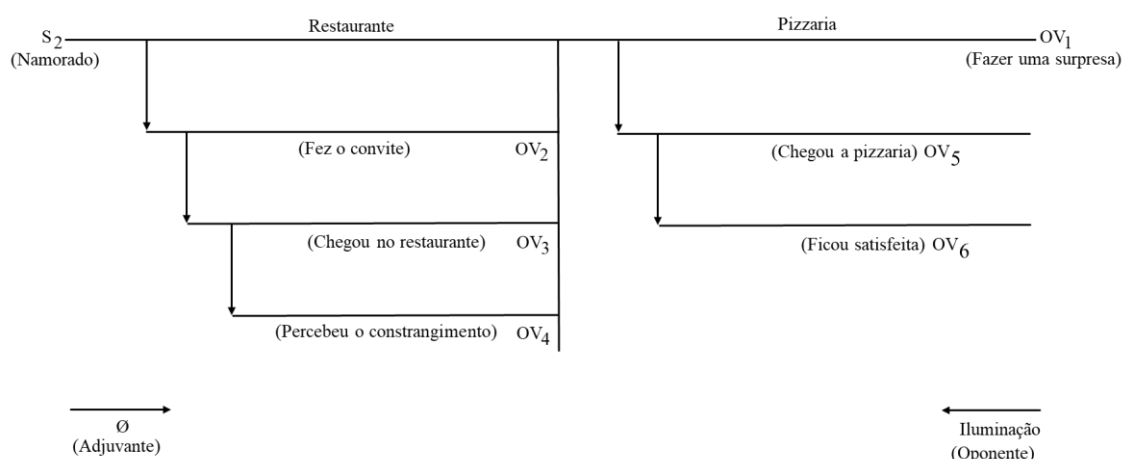
Na representação acima vemos o percurso para alcançar o OV1, mas nesse percurso o S1 recebeu o convite (OV2) foi até o restaurante (OV3) e sofreu um constrangimento (OV4). No segundo momento vemos o S1 chegou a pizzaria (OV5) e em seguida ficou satisfeito (OV6). Não foi possível encontrar um adjuvante, mas a iluminação, principalmente, a disposição dos objetos e outros elementos que atrapalham a visualidade agiram como oponente em todo o percurso.

O sujeito semiótico 2 (S2) também tem o seu percurso dividido em duas etapas conforme a representação abaixo.

O sujeito semiótico 2 (S2) é figurativizado pelo namorado ouvinte que tem como Objeto de Valor principal (OV1) surpreender a namorada. Por isso ele faz o percurso representado. No primeiro momento ele faz o convite (OV2)

e se desloca ao restaurante (OV3), mas percebe que constrangeu a namorada (OV4). Por isso ele decide ir à pizzaria (OV5) e então fica satisfeito (OV6).

Não é possível perceber a presença de um adjuvante, e mais uma vez a iluminação a não adequação do espaço as experiências visuais agiram como oponentes para alcançar o objetivo desejado pelo sujeito semiótico.



c) Exemplificando o Nível discursivo

No relato da autora encontramos a narradora vivenciando a cena e temos perspectiva sobre o seu olhar, assim a narradora está próxima. Podemos entender o tempo como acontecido próximo ao momento de publicação do livro, que foi publicado em 2008, mas não há uma exatidão com relação a data.

O espaço se dá em dois ambientes, inicialmente em um restaurante com um jantar a luz de velas e o conseqüente se ambienta em uma pizzaria. O percurso temático 7 apresenta os seguintes temas: a experiência visual dos surdos, as diferenças culturais entre surdos e ouvintes, identidades culturais.

4.2 RELATO DE NELSON PIMENTA

Se faz necessário lembrar que Nelson Pimenta é o primeiro ator surdo a se profissionalizar no Brasil, é uma referência para a comunidade Surda, mestre e doutor em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina, além de possuir graduação em Letras Libras pela mesma universidade, também é graduado em cinema pela Universidade Estácio de Sá. Nelson é autor, ou coautor de quinze livros em Língua de Sinais.

Seus livros digitais contribuem para o fortalecimento da identidade e da cultura surda pela difusão da língua de sinais, pela produção de inúmeros materiais de ensino-aprendizagem em Libras, espetáculo de teatro, que se apresentou em mais de vinte cidades no Brasil por mais de dez anos.

Nelson também mostra sua importância participando da fundação da FENEIS na década de 1980 e de vários estudos na área de linguística no INES e na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

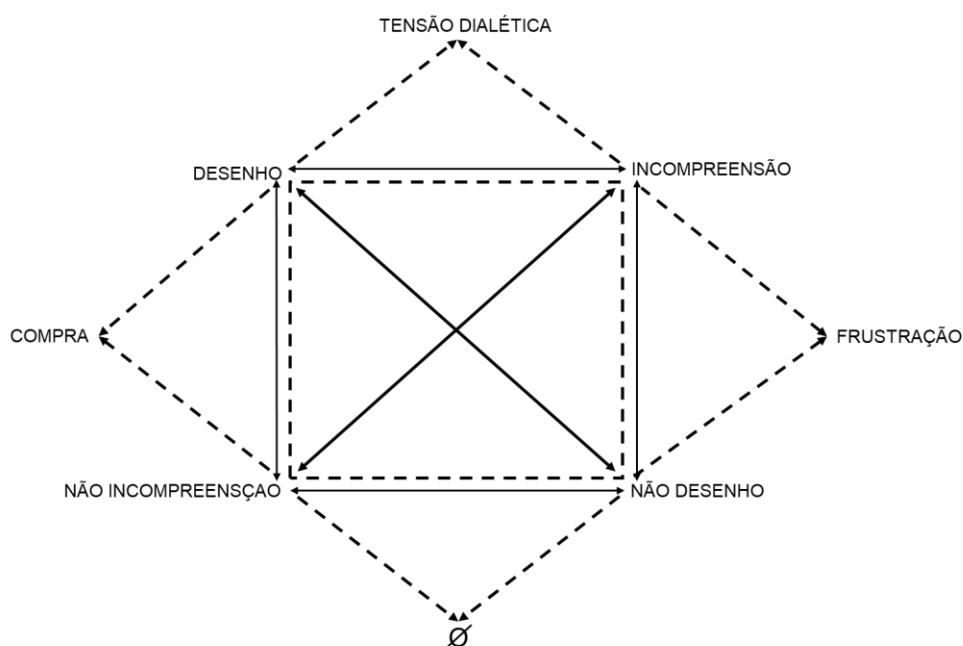
Em entrevista para Revista Espaço do INES, foi registrado um relato pessoal de Nelson, quando ele possuía seis anos de idade, esse relato então será analisado seguir:

Aconteceu aos seis anos de idade, quando minha mãe me mandou comprar uma mamadeira para meu irmão, na época um bebê. Ela não se preocupou com o fato de eu ser surdo. Foi a primeira vez que comprei alguma coisa sozinho. Na loja, fiquei olhando, procurando nas prateleiras a mamadeira para apontar, mas não havia nenhuma à mostra. O lojista me pediu para escrever o que queria, mas aos seis anos, eu ainda não sabia escrever. Então desenhei a mamadeira no papel, o homem entendeu e eu voltei feliz da vida para casa. (Pimenta, 1999, p.62)

a) Exemplificando o Nível Fundamental

No texto, o desenho age como elemento em disforia em relação a incompreensão do surdo Nelson Pimenta, observemos o octógono a seguir.

De acordo com o octógono acima, podemos observar que os valores surgem de acordo com as relações dos sujeitos no relato. Inicialmente, vemos o desenho e a incompreensão que representam a dêixis positiva, esses elementos são contrários em sua relação. Na parte inferior vemos a dêixis negativa e a relação se dá entre a não incompreensão e o não desenho.



Nas linhas diagonais temos relações de contradição, no caso são estabelecidas entre: Desenho e Não Desenho, também entre a Incompreensão e Não incompreensão. As linhas verticais mostram o eixo de implicação onde o Desenho e Não incompreensão implica na Compra, também vemos a Incompreensão e Não Desenho implicarem em Frustração.

O Não desenho e o Não Incompreensão constituem a inexistência semiótica, representada pelo símbolo de vazio ($\emptyset$).

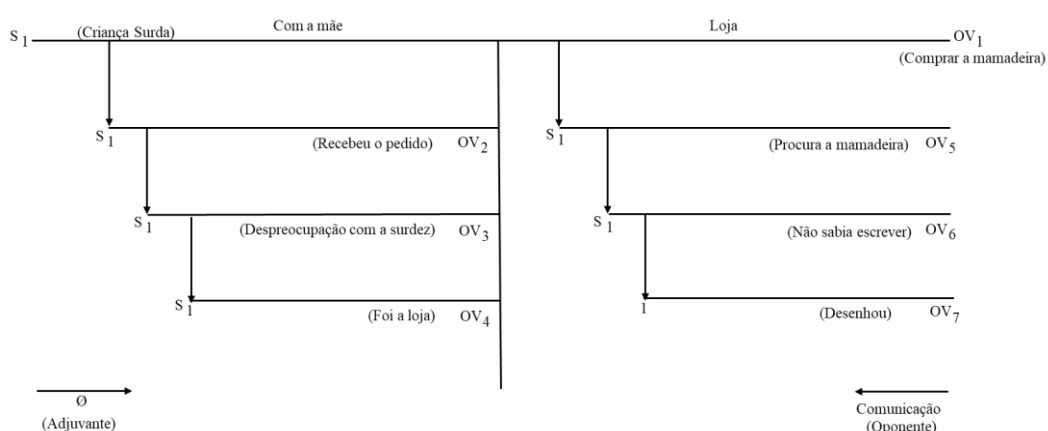
Essa tensão entre “compra” e “frustração” acontece no relato pelas diferenças linguísticas que as comunidades surdas e ouvintes apresentam. É comum que famílias ensinem seus filhos a independência financeira e como comprar itens, mas a comunicação nesse caso se dá pela linguagem não verbal.

Por ser visto dessa maneira e ser um recurso visual com o objetivo de desenvolver a linguagem em uma língua visoespacial, considera-se que o trabalho com a esfera sígnica do desenho possa ser facilitador e propulsor do desenvolvimento social - portanto, também do desenvolvimento simbólico, significativo, interativo e cognoscitivo para a criança surda, constituindo-a como sujeito da/na/pela linguagem. (Araújo e Lacerda, 2010 p.7)

O desenho é utilizado com um recurso visual para alcançar o objeto de valor, essa estratégia possibilita a comunicação e a interação entre os sujeitos. No caso o surdo, ainda criança, não alfabetizado usa o desenho de uma mamadeira para que consiga realizar a seu objetivo de comprá-la.

b) Nível Narrativo

Na leitura semiótica no nível narrativo conseguimos identificar quatro sujeitos semióticos: O sujeito semiótico 1 (S1) e o sujeito semiótico 2 (S2). O sujeito semiótico 1 é figurativizado pela criança surda que tem como objeto de valor (OV1) comprar uma mamadeira, que para alcançar esse objetivo o S1 faz um percurso que se divide em dois momentos.

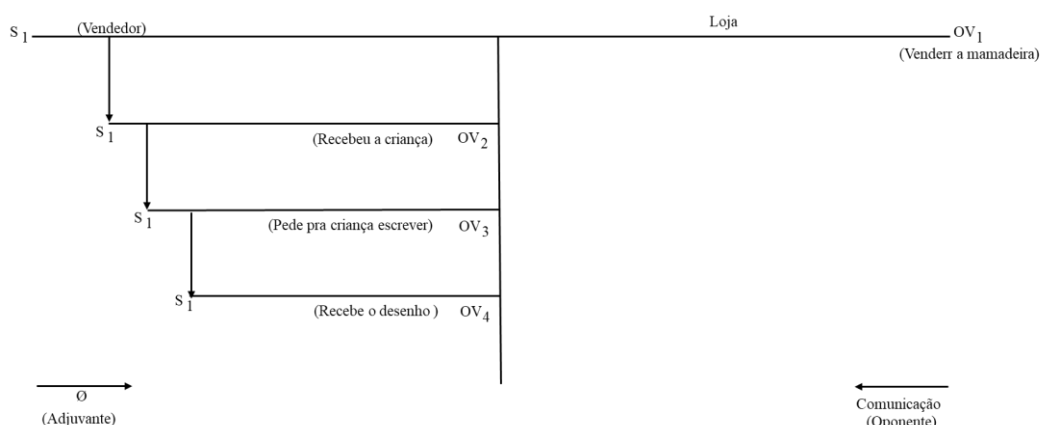


Na representação acima vemos o percurso para alcançar o OV1, mas nesse percurso o S1 recebeu o pedido (OV2) da mãe para comprar a mamadeira, mesmo que a mãe estando despreocupada com a surdez (OV3) e então o sujeito se dirige a loja (OV4). No segundo momento vemos o S1 procura a mamadeira na intenção de apontar o objeto (OV5). No momento seguinte o sujeito tenta escrever, mas não é alfabetizado (OV6). Por fim, o sujeito usa o desenho para mostrar o objeto que deseja comprar. Não foi possível encontrar um adjuvante, mas a diferença linguística impossibilita a

comunicação no primeiro momento, agindo assim como oponente em todo o percurso.

O sujeito semiótico 2 (S2) que é a mãe, tem como objeto de valor comprar uma mamadeira e faz o pedido a seu filho (S1) para alcançar esse objetivo, assim o S1 é adjuvante do S2, e este não possui oponente. O sujeito semiótico 3 (S3) é o bebê, irmão do Surdo (S1), e não possui um objeto de valor definido no texto, não possui adjuvante e nem oponente.

O sujeito semiótico 4 (S4) é o vendedor e tem como objeto de valor vender a mamadeira a criança surda. Vejamos o percurso do sujeito 4 (S4):



O sujeito semiótico 4 (S2) é figurativizado pelo vendedor ouvinte que tem como Objeto de Valor principal (OV1) vender a mamadeira. Por isso ele faz o percurso representado acima. No primeiro momento ele recebe a criança surda (OV2) e pede para que a criança escreva o que deseja comprar (OV3), mas ao entender que não conseguiria fazer a criança escrever, recebeu o desenho que a criança fez (OV4).

Não é possível perceber a presença de um adjuvante, e mais uma vez a comunicação e a diferença agiram como oponentes para alcançar o objetivo desejado pelo sujeito semiótico 4.

c) Nível discursivo

No relato de Nelson Pimenta, encontramos o narrador vivenciando a cena e temos perspectiva sobre o seu olhar, assim o narrador está próximo. Podemos entender o tempo como acontecido próximo aos anos de 1970 considerando que o surdo tinha seis anos de idade, e que Nelson Pimenta nasceu em 1963.

O espaço se dá em dois ambientes, inicialmente em um ambiente aparentemente familiar, num diálogo caseiro e numa loja. O percurso temático apresenta os seguintes temas: a experiência visual dos surdos, as diferenças culturais entre surdos e ouvintes, identidades culturais, aspectos linguísticos.

Desta forma, foi possível constatar através destes dois exemplos de percurso gerativo de sentido nos seus três níveis quão vastas são as questões culturais do povo surdo que podem proporcionar estudos semióticos. A partir de uma semiótica Greimasiana podemos compreender o relato de Karin Strobel e Nelson Pimenta, mergulhar mais profundamente na perspectiva destes dois conhecidos autores sobre a cultura surda e seus olhares. Ficou evidenciado os fatores internos dos textos (relatos), percorrendo o percurso gerativo da significação, também percebemos outros fatores que podem influenciar essas vivências. Fatos estes que nos permitiram fazer uma reflexão sobre as diferenças culturais e identitárias entre surdos e ouvintes.

Como vimos, a abordagem cultural na perspectiva da semiótica de acordo com PAIS et al. (1999) possibilita o estudo dos processos de elaboração e reelaboração do mundo construído semioticamente em determinada cultura, complementamos com a visão da cultura surda da seguinte autora:

Cultura surda é o jeito do surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo mais acessível e habitável ajustando-o com suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das almas das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo (STROBEL, 2008, p. 24).

Podemos então considerar de acordo com PAIS (1993), que o texto é produto de um discurso e que este responde pela transmissão da experiência cultural.

Toda comunicação entre duas instâncias (indivíduos ou grupos) é mediada pela relação com uma terceira instância, que pode ser figurativizada por um indivíduo e um grupo, mas representa, de qualquer maneira, uma norma que se pode reportar, seja a um corpus (canon, crenças, textos, ou propósitos anteriores, histórias convencionais), seja a um sistema (lei, sistema de língua). (RASTIER, 2015, P 484)

Após a apresentação da escolha da teoria adotada nesta pesquisa, a semiótica greimasiana, e fundamentado em autores surdos e ouvintes como: Strobel (2008), Batista (2009), Pais (1993), Peixoto (2016), Sutton-Spence (2021), Barros (2002) e Rastier (2015), Greimas (1975) segue os objetivos da pesquisa e seus desdobramentos a seguir.

5. PERCURSO METODOLÓGICO

Para realizar uma pesquisa qualitativa, é preciso definir o tipo de pesquisa, o recorte temporal, os métodos de coleta e análise de dados, bem como os aspectos éticos envolvidos. Gil (2008) apresenta diversas modalidades de pesquisa qualitativa, como a pesquisa-ação, a pesquisa participante, o estudo de caso, a etnografia, a pesquisa documental, entre outras. Cada uma dessas modalidades tem suas especificidades, vantagens e limitações, que devem ser consideradas pelo pesquisador na hora de escolher a mais adequada ao seu problema de pesquisa.

A pesquisa qualitativa é uma forma de investigação científica que busca compreender os fenômenos sociais a partir da perspectiva dos participantes, valorizando o contexto, a subjetividade e a complexidade das situações estudadas. Segundo Gil (2008), a pesquisa qualitativa se fundamenta em pressupostos filosóficos distintos dos que embasam as pesquisas quantitativas, tais como o relativismo, o construtivismo e a hermenêutica:

Desta forma possibilitamos uma forma de investigação científica que busca compreender os fenômenos sociais a partir da perspectiva dos participantes, valorizando o contexto, a subjetividade e a complexidade das situações estudadas. Esse tipo de pesquisa é importante para ampliar o conhecimento sobre as diversas dimensões da realidade humana, que não podem ser reduzidas a números ou medidas. A pesquisa qualitativa também contribui para o desenvolvimento de novas teorias, conceitos e metodologias, que podem orientar a prática profissional e a intervenção social.

Contextualizando, podemos exemplificar os estudos culturais surdos, que envolvem as formas de expressão, comunicação, identidade e organização dos indivíduos que se reconhecem como surdos. Os estudos na área de cultura surda podem ser subjetivos, pois buscam compreender como os surdos se relacionam com o mundo, com os outros e consigo mesmos, respeitando suas diferenças e singularidades. A pesquisa qualitativa permite que os participantes sejam sujeitos ativos do processo de produção de conhecimento, valorizando suas vozes, experiências e saberes.

5.1 TRAJETO METODOLÓGICO

Esta pesquisa seguiu os seguintes passos:

A. Revisão bibliográfica

Foi necessário um levantamento bibliográfico para melhorar o conhecimento teórico acerca do tema da pesquisa proposta, aprofundando os conhecimentos abordados pelos autores e consolidar a base de referências neste projeto.

B. Acervo sobre literatura Visual no gênero drama

Inicialmente foi realizado um resgate histórico da Literatura em Libras com ênfase nos espetáculos dramáticos em Libras, através de uma busca de vídeos de domínio público e comercializado. Partindo desta identificação desses espetáculos foi feita uma listagem das obras.

C. Desenvolver o estudo semiótico

Identificar os elementos dos níveis de percurso gerativo de sentido no texto adaptado e sinalizado no gênero drama selecionado, levando em consideração o contexto cultural da comunidade Surda Brasileira e a teoria da semiótica Greimasiana no nível discursivo.

D. Registrar a dissertação

Construímos o texto desta dissertação com suas particularidades, capítulos em comum acordo com as orientações recebidas durante a elaboração da pesquisa.

5.2 O *corpus*

5.2.1 A HISTÓRIA DE JOÃO E MARIA E SUAS ADAPTAÇÕES

João e Maria é um conto clássico europeu que foi coletado e adaptado pelos irmãos Grimm. A história narra as aventuras de dois irmãos pobres que

são abandonados na floresta pelo pai e pela madrasta. Eles encontram uma casa feita de doces, onde vive uma bruxa que quer devorá-los. Os irmãos usam a inteligência e a cooperação para escapar da bruxa e voltar para casa ¹.

Existem várias adaptações modernas do conto João e Maria. Além disso, o conto também foi adaptado para o cinema em "João e Maria: Caçadores de Bruxas". O filme transforma a história infantil num filme de ação com toques de humor.

Figura 6: Capa do Filme



Fonte: Google Imagens

A história de João e Maria tem várias lições que podem ser extraídas. Uma das lições mais conhecidas é a importância da inteligência e da cooperação para superar desafios. Os irmãos usam sua astúcia para escapar da bruxa e voltar para casa. Outra moral pela qual a história de João e Maria é conhecida tem a ver com não confiar nas aparências, porque muitas vezes elas nos enganam.

5.2.2 A HISTÓRIA DE JOÃO E MARIA PRODUZIDA NA COMUNIDADE SURDA

A produção do texto se deu durante o curso de extensão de Libras, no módulo V para apresentação no LIBRAS FEST. Os alunos tiveram a liberdade de sugerir mudanças na história original, acrescentando elementos da cultura surda para compor os novos rumos da história clássica. O roteiro principal produzido está detalhado e será analisado no capítulo a seguir, os diálogos estão disponíveis nos anexos (Anexo 1).

ROTEIRO PRINCIPAL

CENA 1

João e Maria estão em casa com seu pai e madrasta. Eles são surdos e se comunicam por meio de língua de sinais. A madrasta pede ao pai para se livrar das crianças. João se prepara com as pedrinhas e dorme.

CENA 2

João e Maria vão a floresta com seu Pai, João joga as pedrinhas coloridas no caminho. O pai os deixa na floresta, eles tentam encontrar o caminho de volta, e retornam para casa.

CENA 3

A madrasta decide ir a um local mais longe, João usa pedaços de pão para marcar o caminho, eles dormem e os pães são comidos, eles acordam sozinhos.

CENA 4

Eles chegam a uma casa feita de doces. Eles entram na casa e encontram uma bruxa que quer devorá-los. A bruxa tenta se comunicar com eles, mas não consegue entender a língua de sinais.

CENA 5

João e Maria usam a inteligência e a cooperação para escapar da bruxa e voltar para casa. Eles usam sinais para se comunicar entre si e conseguem enganar a bruxa.

A apresentação ocorreu no dia 26 de setembro de 2019 no auditório 411 do CCHLA da UFPB e contou com a presença de público surdo e ouvinte. Os alunos usaram roupas, maquiagem, construíram cenários para compor cada etapa da história (Figura 5).

Figura 7 – Alunos Caracterizados



Fonte: Acervo Pessoal

6. ANÁLISE E RESULTADOS

Para Sutton-Spence (2021) a análise de uma obra literária em Libras foi analisada quanto: a performance do autor; ao conteúdo da obra; a linguagem estética utilizada na obra. Neste estudo focamos na análise do conteúdo da obra *João e Maria Surdos*.

Antes de iniciar a análise, propriamente dita, respondemos a seguir às perguntas propostas por Sutton-Spence (2021, p.34), que de acordo com a autora auxilia na compreensão do contexto da obra analisada:

6.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA OBRA

6.1.1. LOCAL DE APRESENTAÇÃO

O texto foi produzido na UFPB na turma do curso de extensão em libras do módulo V, e apresentado ao público no auditório 411 do CCHLA da UFPB. Na ocasião estava sendo apresentado o LIBRASFEST em alusão ao dia do surdo (Figura 6).

Figura 8: Público do LIBRASFEST



Fonte: Acervo Pessoal

6.1.2. SOBRE O AUTOR

Houve contribuição dos alunos da turma da extensão, e o texto final ficou nas mãos do professor do módulo V, Nielson Firmino de Oliveira.

6.1.3. POR QUE FOI APRESENTADA?

O objetivo do texto no gênero dramático foi compor a programação do festival e a apresentação serviu como atividade de avaliação, para os alunos que quiseram participar da peça de teatro.

6.1.4. QUAL A ORIGEM E CONTEXTO?

Com a proposta de construção do evento FESTLIBRAS, os professores monitores dos módulos pensaram em fazer apresentações de cada turma individualmente. O módulo V que trabalhava o tópico de Literatura surda então pode escolher uma história clássica para propor uma adaptação. A história de João e Maria foi escolhida de forma espontânea pelos alunos, e em seguida foram discutidas as principais modificações no enredo.

6.1.5. QUAL É O SEU PÚBLICO?

A peça poderia ser assistida por qualquer pessoa, as narrações em língua portuguesa foram traduzidas para Libras durante o evento e os diálogos sinalizados entre os personagens foram traduzidos para a forma oral do português. A plateia estava composta de alunos do curso de extensão em Libras da UFPB, familiares, professores e outros membros da comunidade acadêmica. O evento foi aberto e também recebeu público externo a instituição.

6.1.6. QUAL O GRAU E O TIPO DE PARTICIPAÇÃO DO PÚBLICO?

A Peça não tinha interação com o público, mas a plateia também era composta por avaliadores surdos que escolheram as melhores apresentações do evento (figura 7).

Figura 9: Avaliadores surdos



Fonte: Acervo Pessoal

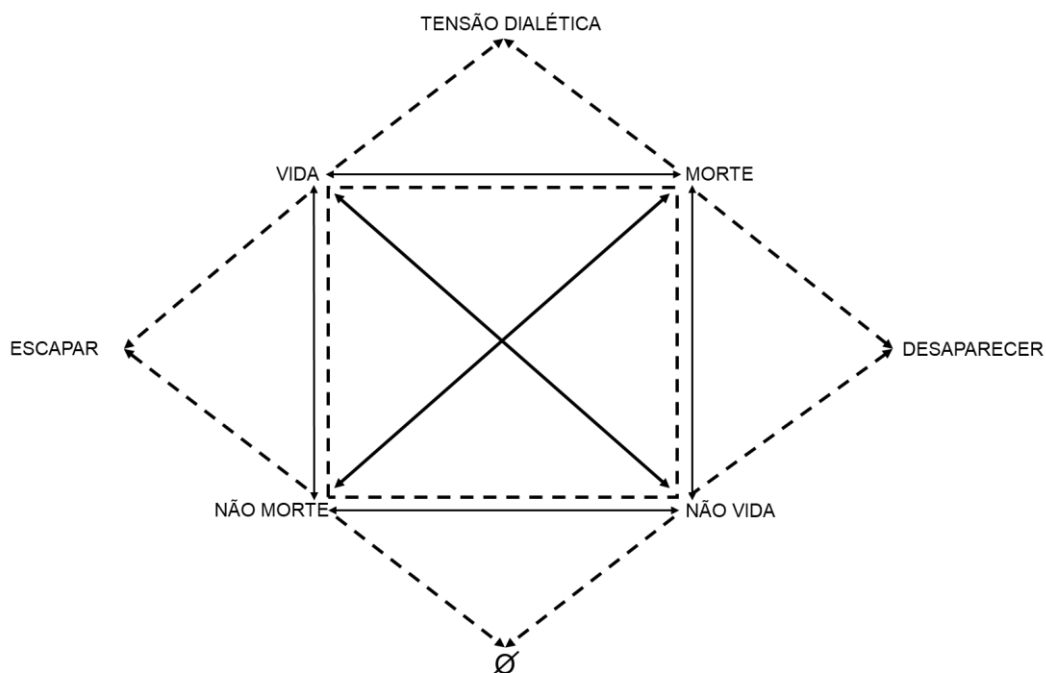
6.2 ANÁLISE DO PERCURSO GERATIVO DE SENTIDO

A análise do percurso gerativo de sentido visa mostrar como o sentido de um texto é construído a partir de uma articulação em três níveis de estruturas. Essa análise permite revelar os mecanismos lógicos e semânticos que sustentam a produção e a interpretação de textos, bem como os efeitos de sentido que eles provocam nos leitores, sendo uma construção ideal que compreende três níveis: o nível fundamental, o nível narrativo e o nível discursivo. Cada nível corresponde a um grau de complexidade e concretização do sentido, partindo do mais abstrato e profundo ao mais concreto e superficial. O percurso gerativo de sentido se refere ao plano de conteúdo de um texto, ou seja, ao que ele significa, e não à forma como ele se expressa.

Cena 1

Uma possível análise do percurso gerativo de sentido do texto, baseada na teoria de Greimas, é a seguinte:

No nível fundamental, o texto apresenta uma oposição semântica entre a vida e a morte, que são valores eufóricos e disfóricos, respectivamente. Essa oposição pode ser representada pelo octógono semiótico:



De acordo com o octógono acima, podemos observar que os valores surgem de acordo com as relações dos sujeitos no relato. Inicialmente vemos a vida e morte que representam a dêixis positiva, esses elementos são contrários em sua relação. Na parte inferior vemos a dêixis negativa e a relação se dá entre o não morte e a não vida.

Nas linhas diagonais temos relações de contradição, no caso são estabelecidas entre: vida e não vida, também entre morte e não morte. As linhas verticais mostram o eixo de implicação onde vida e não morte implicam em escapar, também vemos morte e não vida implicarem em desaparecer.

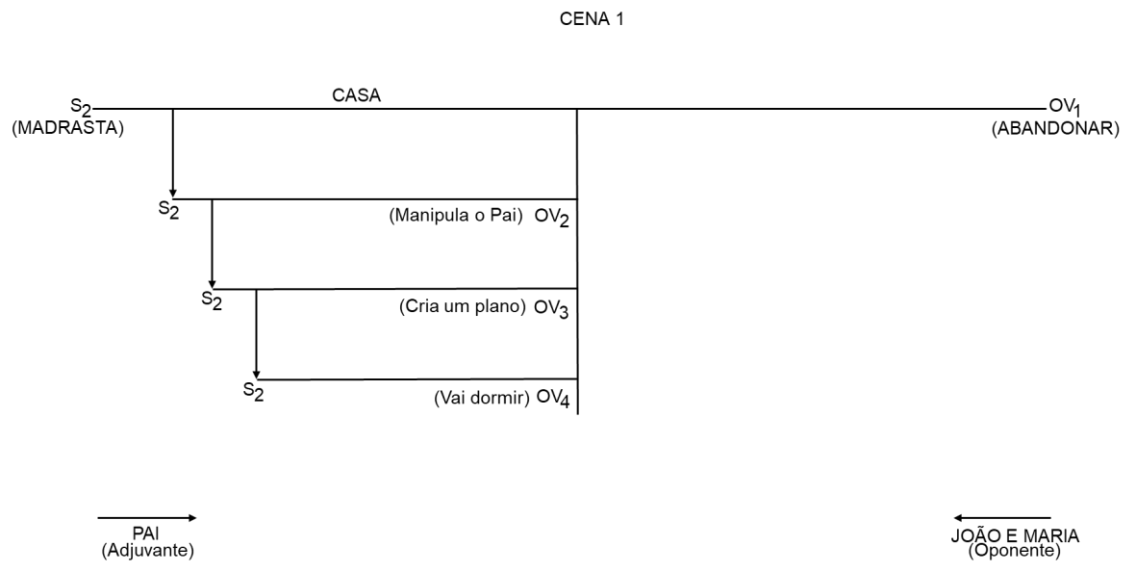
O Não morte e a Não vida constituem a inexistência semiótica, representada pelo símbolo de vazio ($\emptyset$).

Essa tensão entre “Escapar” e “Desaparecer” acontece no relato pelas diferenças culturais que as comunidades surdas e ouvintes apresentam no aspecto familiar. É comum que casais de ouvintes passem por conflitos considerando a condição de surdez dos filhos.

No nível narrativo, o texto organiza a narrativa do ponto de vista do sujeito, que é João. Ele tem um objetivo, que é sobreviver à madrasta malvada,

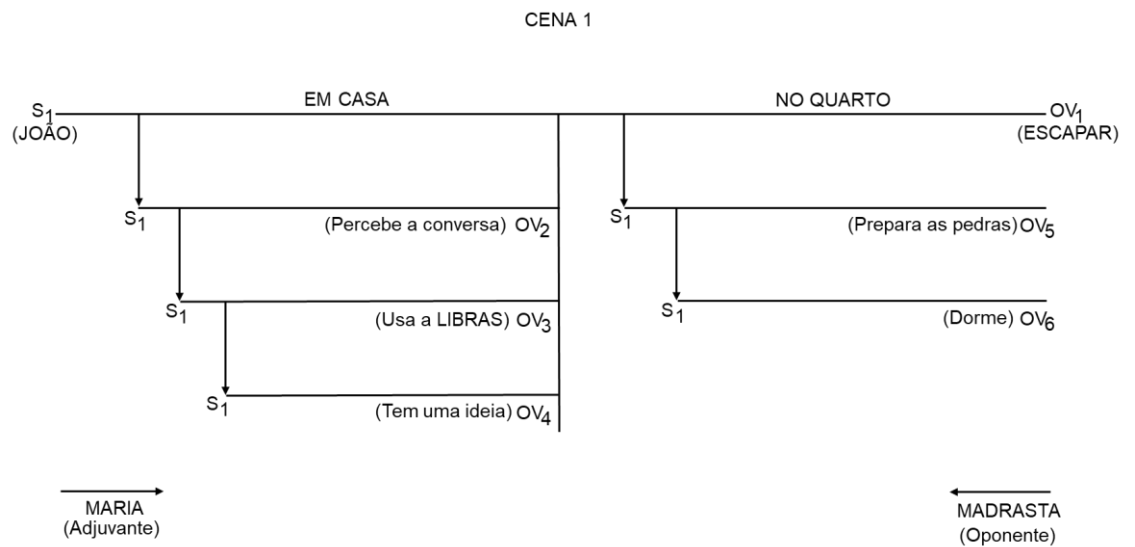
que é sua e um oponente. Ele também tem um ajudante, que é Maria, e um destinador, que é o pai. O texto pode ser dividido em três programas narrativos:

PN1: A madrasta manipula o pai para se livrar das crianças.



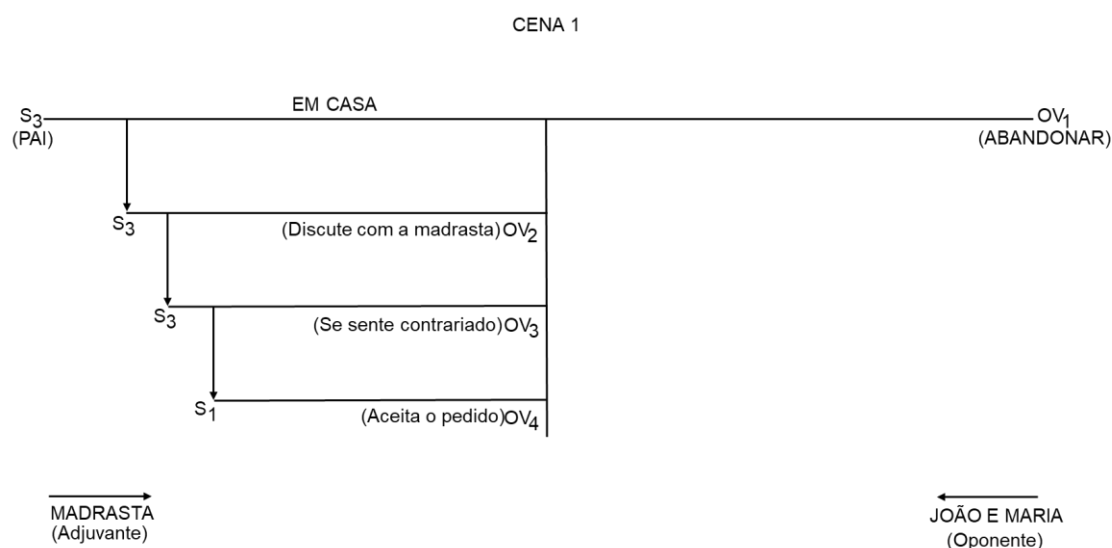
Na representação acima vemos o percurso para alcançar o OV1, mas nesse percurso o S2 manipulou o pai (OV2) planejou o abandono das crianças (OV3) e foi dormir. (OV4). Encontramos no Pai um adjuvante, mas João e Maria, principalmente, agiram como oponente em todo o percurso.

○ PN2: João se prepara com as pedrinhas e dorme.



Na representação acima vemos o percurso que o S1 seguiu para alcançar o OV1, nesse percurso o S1 percebeu a conversa entre o pai e a madrasta (OV2) usou a libras para se comunicar com a irmã (OV3), teve uma ideia (OV4). No segundo momento vemos o S1 preparando as pedrinhas (OV5) e em seguida indo dormir (OV6). Foi possível encontrar um adjuvante, Maria e a Madrasta agiu como oponente em todo o percurso.

- PN3: O pai leva as crianças para a floresta.



Nesta representação vemos o percurso que o S3 seguiu para alcançar o OV1, nesse percurso o S3 discute com a madrasta (OV2) se sente contrariado (OV3) e aceita o pedido (OV4). Foi possível encontrar um adjuvante, a Madrasta, enquanto João e Maria agiram como oponentes em todo o percurso.

No nível discursivo, o texto assume a perspectiva do sujeito da enunciação, que é o narrador. Ele utiliza a língua portuguesa escrita como plano de expressão e a língua de sinais como plano de conteúdo. Ele também temporaliza a narrativa, usando o tempo presente e o pretérito perfeito. Ele ainda marca a modalização do sujeito, mostrando que ele é astuto e previdente.

De maneira figurativa podemos discutir os problemas enfrentados por pais ouvintes e filhos surdos são diversos e complexos, envolvendo questões

de comunicação, identidade, educação, saúde e inclusão social. Alguns desses problemas se caracterizam pela maioria dos pais ouvintes não saberem ou demorarem a aprender a língua de sinais, que é a língua natural dos surdos. Isso dificulta o estabelecimento de um vínculo afetivo e uma interação efetiva entre pais e filhos, podendo gerar frustração, isolamento e baixa autoestima nos surdos.

Os pais ouvintes muitas vezes passam por um processo de luto e negação ao descobrir a surdez dos filhos, tendo que lidar com sentimentos de culpa, medo, angústia e impotência. Eles também podem sofrer preconceito e discriminação da sociedade, que ainda vê a surdez como uma deficiência e não como uma diferença cultural.

Os filhos surdos, por sua vez, enfrentam barreiras de acesso à informação, à educação, à saúde e aos serviços públicos, devido à falta de profissionais qualificados e de recursos de acessibilidade, como intérpretes de língua de sinais, legendas, janelas de Libras, etc. Eles também podem ter dificuldades de socialização e de inserção na escola regular, ou no mercado de trabalho, sendo excluídos ou marginalizados por grupos ouvintes.

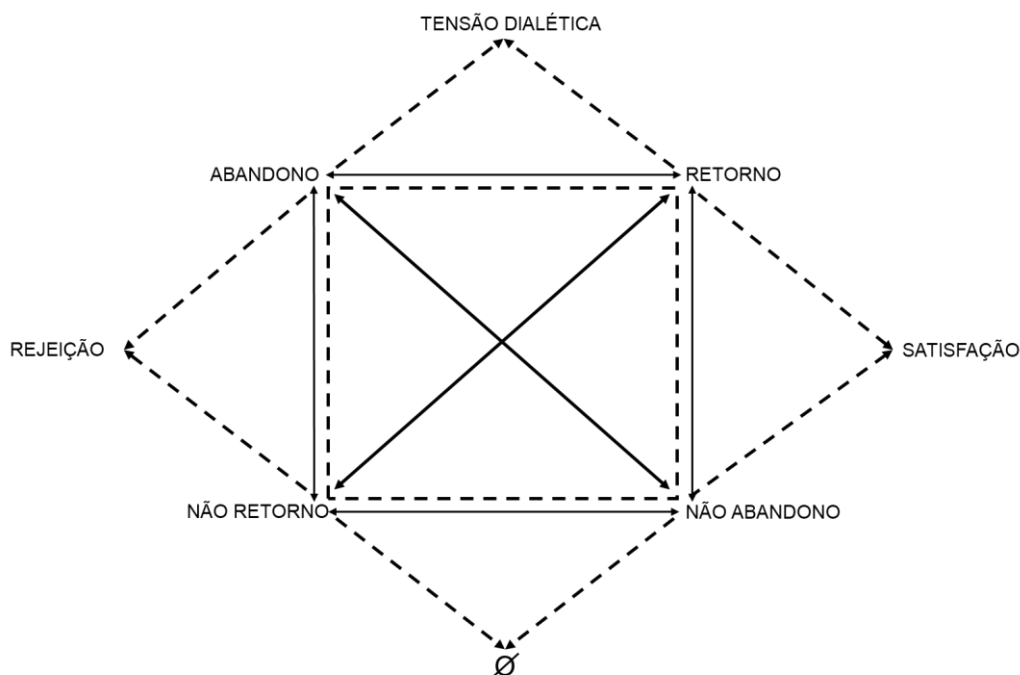
Além disso, os filhos surdos podem ter conflitos de identidade e de pertencimento, pois nem sempre se sentem acolhidos e compreendidos pela família ouvinte. Os pais podem ter que assumir responsabilidades e papéis que não lhes cabem, como serem intérpretes, mediadores ou cuidadores dos filhos surdos, o que pode causar uma dependência, comprometendo o desenvolvimento pessoal ou profissional.

Cada família tem a sua história, seus desafios e suas conquistas. É que haja respeito, amor, diálogo e apoio mútuo entre pais e filhos, independentemente da diferença cultural.

Cena 2

Nesta cena, uma possível análise do percurso gerativo de sentido do texto, baseado na teoria de Greimas, é a seguinte:

No nível fundamental, o texto apresenta uma oposição semântica entre o abandono e o retorno, que são valores disfóricos e eufóricos, respectivamente. Essa oposição pode ser representada pelo octógono semiótico:



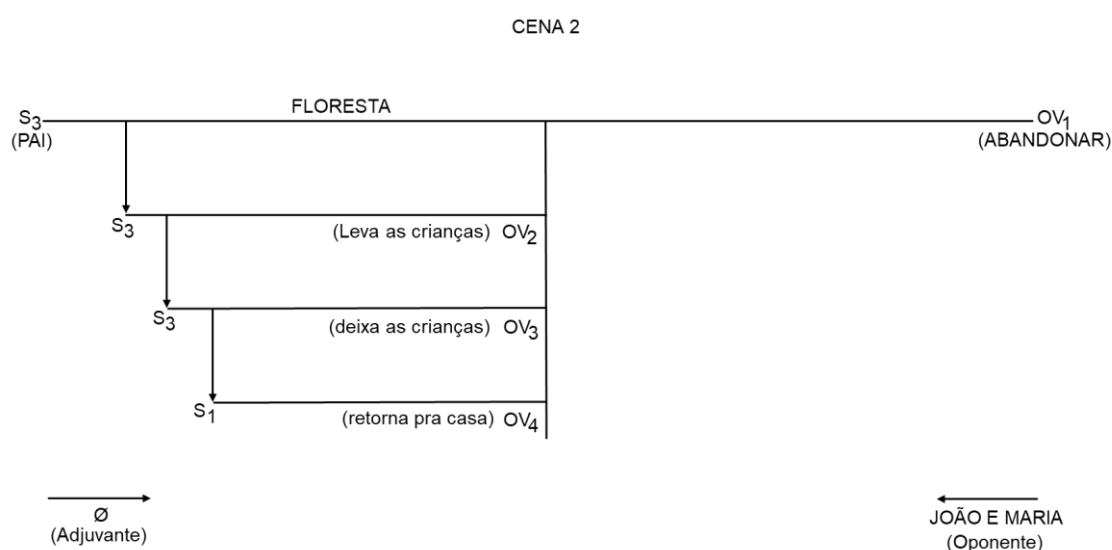
Como observamos o octógono acima, podemos observar que os valores surgem de acordo com as relações dos sujeitos no relato. Inicialmente vemos o abandono e o retorno que representam a dêixis positiva, esses elementos são contrários em sua relação. Na parte inferior vemos a dêixis negativa e a relação se dá entre o não abandono e o não retorno.

Nas linhas diagonais temos relações de contradição, no caso são estabelecidas entre: abandono e não abandono, também entre retorno e não retorno. As linhas verticais mostram o eixo de implicação onde abandono e não retorno implicam em rejeição, também vemos retorno e não abandono implicarem em satisfação. O não abandono e o não retorno constituem a inexistência semiótica, representada pelo símbolo de vazio (Ø).

Essa tensão entre “rejeição” e “satisfação” acontece no relato considerando diferenças que as comunidades surdas e ouvintes apresentam no aspecto da vida social.

No nível narrativo, o texto organiza a narrativa do ponto de vista do sujeito, que é João. Ele tem um objetivo, que é voltar para casa, e um oponente, que é o pai. Ele também tem um ajudante, que é Maria, e a cena se passa numa floresta. O texto pode ser dividido em dois programas narrativos:

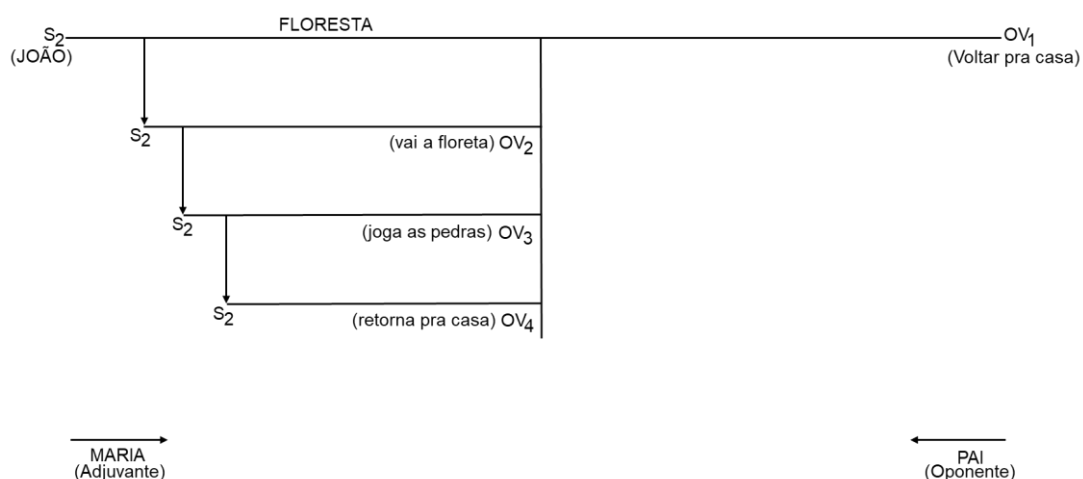
- PN1: O pai leva as crianças para a floresta.



Na representação acima vemos o percurso para alcançar o OV1, mas nesse percurso o S3 levou as crianças a floresta (OV2), deixou as crianças na floresta (OV3) e retornou para casa. (OV4). O pai não tem um adjuvante, mas João e Maria, principalmente, agiram como oponente em todo o percurso.

- PN2: João joga as pedrinhas coloridas no caminho.

CENA 2



Nesta representação, vemos o percurso para alcançar o OV1 que é voltar para casa, mas nesse percurso o S2 foi a floresta (OV2), jogou as pedrinhas coloridas no caminho (OV3) e retornou para casa. (OV4). João tem um adjuvante, que é Maria, e o Pai, age como oponente em todo o percurso.

No nível discursivo, o texto assume a perspectiva do sujeito da enunciação, que é o narrador. Ele utiliza a língua portuguesa escrita como plano de expressão e a língua de sinais como plano de conteúdo. Ele também temporaliza a narrativa, usando o pretérito perfeito. Ele ainda marca a modalização do sujeito, mostrando que ele é inteligente e corajoso.

Por outro lado, podemos discorrer de forma figurativa que a rejeição e aceitação social das pessoas surdas é um tema complexo e multifacetado, que envolve aspectos históricos, culturais, educacionais, psicológicos e políticos. A surdez é uma condição que afeta a comunicação e a interação com o mundo sonoro, mas não impede o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social das pessoas que a vivenciam. No entanto, as pessoas surdas enfrentam diversos desafios e barreiras para terem seus direitos e necessidades atendidos, bem como para serem reconhecidas e respeitadas em sua diversidade.

Um dos principais desafios é a questão da identidade surda, que se refere à forma como as pessoas com surdez se percebem e se relacionam com sua condição, com sua língua, com sua cultura e com sua comunidade. A identidade surda pode ser influenciada por vários fatores, como o grau e a

idade de perda auditiva, o uso de aparelhos ou implantes cocleares, a escolha da modalidade comunicativa (oral, sinalizada ou bimodal), a filiação a movimentos sociais e políticos, entre outros. A identidade surda também pode ser afetada pelo preconceito, pela discriminação e pela exclusão que as pessoas com surdez sofrem em diferentes esferas da sociedade, como a família, a escola, o trabalho, a saúde e o lazer.

A rejeição tem dois percursos (o clínico que entende a surdez como deficiência e gera conflitos familiares e o percurso socioantropológico que nega o sujeito) rejeição da surdez e a rejeição da diferença, neste ponto de análise apresentamos a pessoa surda no campo socioantropológico. A rejeição social das pessoas com surdez pode se manifestar de várias formas, desde a negação do diagnóstico, da intervenção precoce e da reabilitação auditiva, até a violação dos direitos linguísticos, educacionais e de acessibilidade. A rejeição social também pode se expressar por meio de atitudes e comportamentos que inferiorizam, estigmatizam, segregam, isolam ou violentam as pessoas surdas, como a ridicularização, o bullying, a infantilização, a medicalização, a tutela, a caridade ou a piedade. A rejeição social pode gerar consequências negativas para a autoestima, a autoconfiança, a autonomia, a participação e a qualidade de vida das pessoas com surdez.

A aceitação social das pessoas surda, por outro lado, implica em reconhecer e valorizar os aspectos sociais, linguísticos e culturais possibilitando entender a surdez como diferença cultural e identidade (SLOMSKI, 2010), que não implica em deficiência, doença, incapacidade ou anormalidade. A aceitação social também envolve garantir e promover os direitos e as oportunidades das pessoas surdas respeitando suas escolhas, suas potencialidades, suas necessidades e suas diferenças. A aceitação social ainda requer criar e fortalecer espaços e redes de convivência, de diálogo, de cooperação e de solidariedade entre as pessoas com surdez e as pessoas ouvintes, buscando a inclusão, a integração e a emancipação de todos.

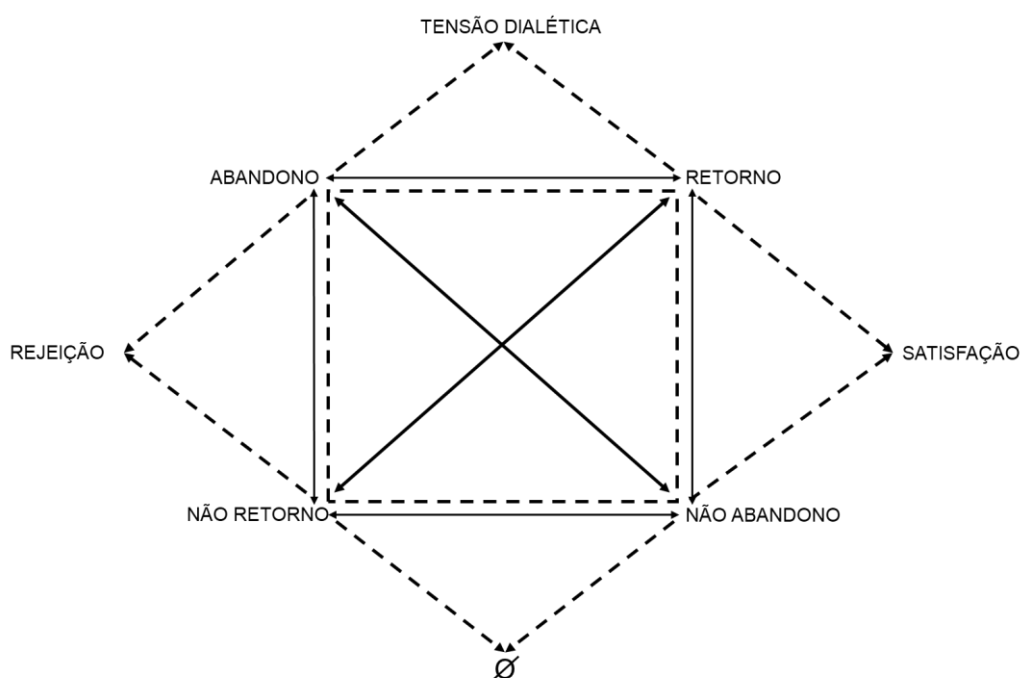
A rejeição e aceitação social das pessoas surdas não são fenômenos estáticos ou homogêneos, mas dinâmicos e heterogêneos, que podem variar de acordo com o contexto, o momento e a perspectiva de cada pessoa. Por

isso, é importante compreender a complexidade e a diversidade das experiências e das trajetórias das pessoas surdas, bem como as implicações sociais, culturais, políticas e econômicas da surdez para a sociedade como um todo.

Cena 3

Para esta etapa, uma possível análise do percurso gerativo de sentido do texto, baseado na teoria de Greimas, é a seguinte:

No nível fundamental, o texto apresenta uma oposição semântica entre o abandono e o retorno, que são valores disfóricos e eufóricos, respectivamente. Essa oposição pode ser representada pelo octógono semiótico:



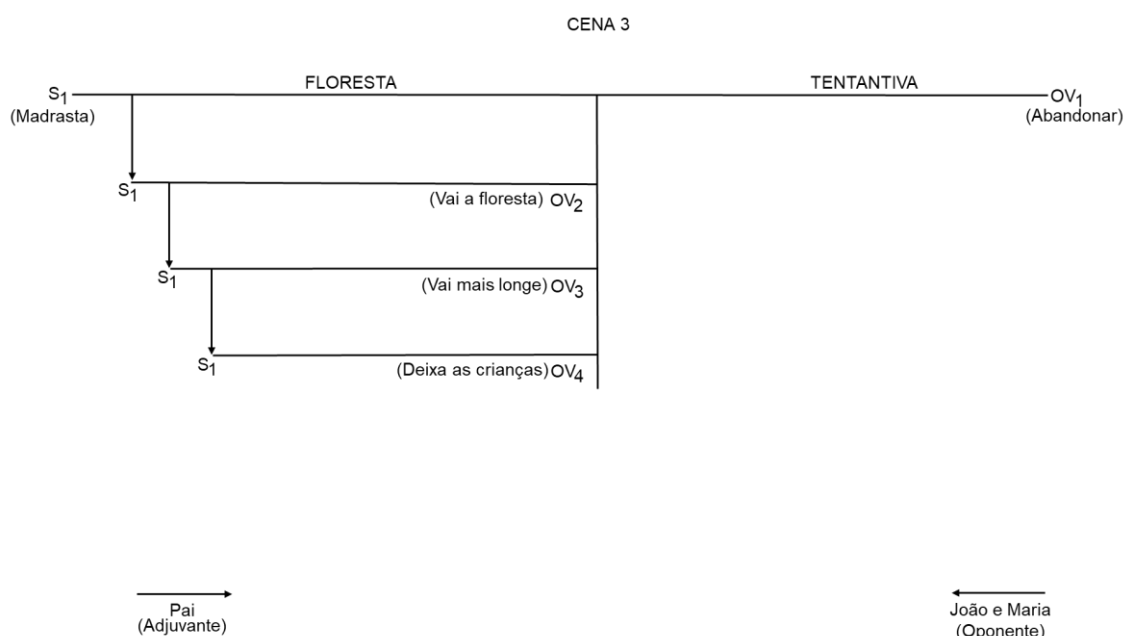
Na representação octógono acima, podemos observar que os valores surgem de acordo com as relações dos sujeitos no relato. Inicialmente vemos mais uma vez o abandono e o retorno que compõem a dêixis positiva, esses elementos são contrários em sua relação. Na parte inferior vemos a dêixis negativa e a relação se dá entre o não abandono e o não retorno.

Da mesma forma observamos que nas linhas diagonais temos relações de contradição, no caso são estabelecidas entre: abandono e não abandono, também entre retorno e não retorno. As linhas verticais mostram o eixo de implicação onde abandono e não retorno implicam em rejeição, também vemos retorno e não abandono implicarem em satisfação. Assim, o não abandono e o não retorno constituem a inexistência semiótica, representada pelo símbolo de vazio ($\emptyset$).

Essa tensão entre “rejeição” e “satisfação” acontece no relato considerando diferenças que as comunidades surdas e ouvintes apresentam no aspecto da vida social, e consideramos a repetição deste aspecto como algo que deve ser enfatizado.

No nível narrativo, o texto organiza a narrativa do ponto de vista do sujeito, que é João. Ele tem um objetivo, que é voltar para casa, e um anti-sujeito, que é a madrasta. Ele também tem um ajudante, que é Maria, e a cena acontece na floresta. Dividimos o texto dividido em dois programas narrativos:

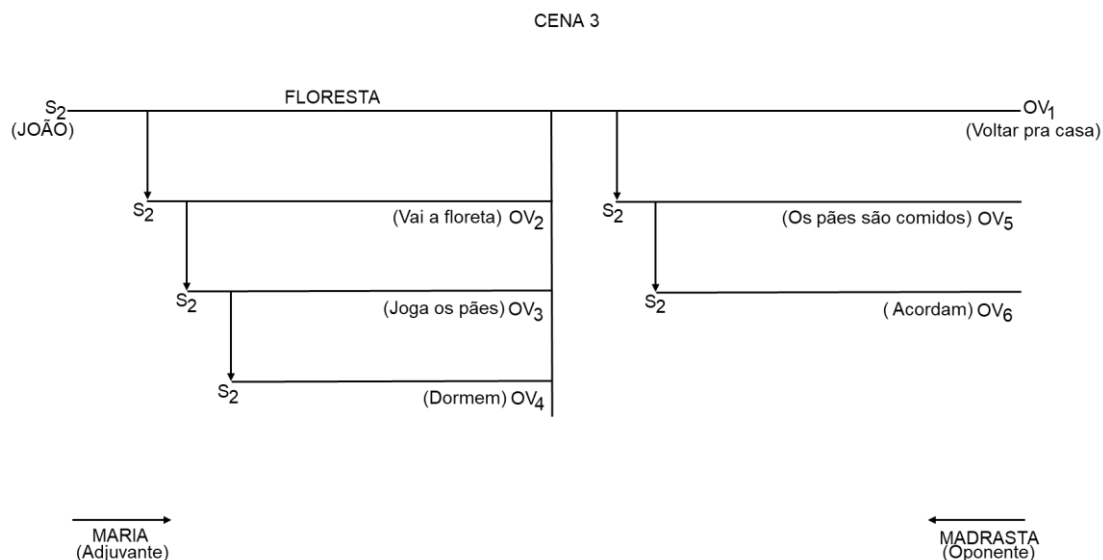
PN1: A madrasta decide ir a um local mais longe.



Nesta representação, vemos o percurso para alcançar o OV1 que é abandonar as crianças, mas nesse percurso o S1 foi a floresta (OV2), foi a um

lugar mais distante (OV3) e deixou as crianças. (OV4). A madrasta tem um adjuvante, que é o Pai, e o João e Maria, agiram como oponentes no percurso.

PN2: João usa pedaços de pão para marcar o caminho.



Nesta representação, vemos o percurso para alcançar o OV1 que é voltar para casa, e nesse percurso o S2 foi a floresta (OV2), jogou os pães (OV3) e dormiram. (OV4). Enquanto dormiam os pães foram comidos (OV5) e então o S2 acorda. João tem um adjuvante, que é Maria, e a Madrasta, age como oponente no percurso.

No nível discursivo, o texto assume a perspectiva do sujeito da enunciação, que é o narrador. Ele utiliza a língua portuguesa escrita como plano de expressão e a língua de sinais como plano de conteúdo. Ele também temporaliza a narrativa, usando o pretérito perfeito. Ele ainda marca a modalização do sujeito, mostrando que ele é ingênuo e desamparado.

Observamos a repetição da tentativa de abandono dos sujeitos surdos e podemos relacionar com algumas ações recorrentes que acontecem que levam efetivamente à exclusão de pessoas surdas como:

A falta de acessibilidade comunicativa em diversos espaços e serviços públicos e privados, como hospitais, escolas, bancos, cinemas, teatros, etc. Isso dificulta o acesso à informação, à educação, à saúde, à cultura e ao lazer

das pessoas surdas, que muitas vezes não encontram profissionais capacitados em Libras ou recursos tecnológicos que facilitem a comunicação, mesmo com a garantia legais previstas na legislação brasileira, como no decreto 5.626 de 2005.

A discriminação e o preconceito por parte de algumas pessoas, que ignoram, desrespeitam ou inferiorizam a língua, a cultura e a identidade surda, tratando as pessoas surdas como incapazes, doentes, anormais ou coitadas.

A imposição de uma visão ouvintista e normativa sobre a surdez, que privilegia a oralização e a reabilitação auditiva como únicas formas de inserção social das pessoas surdas, negando ou restringindo o uso e o ensino da Libras como primeira língua e como direito linguístico.

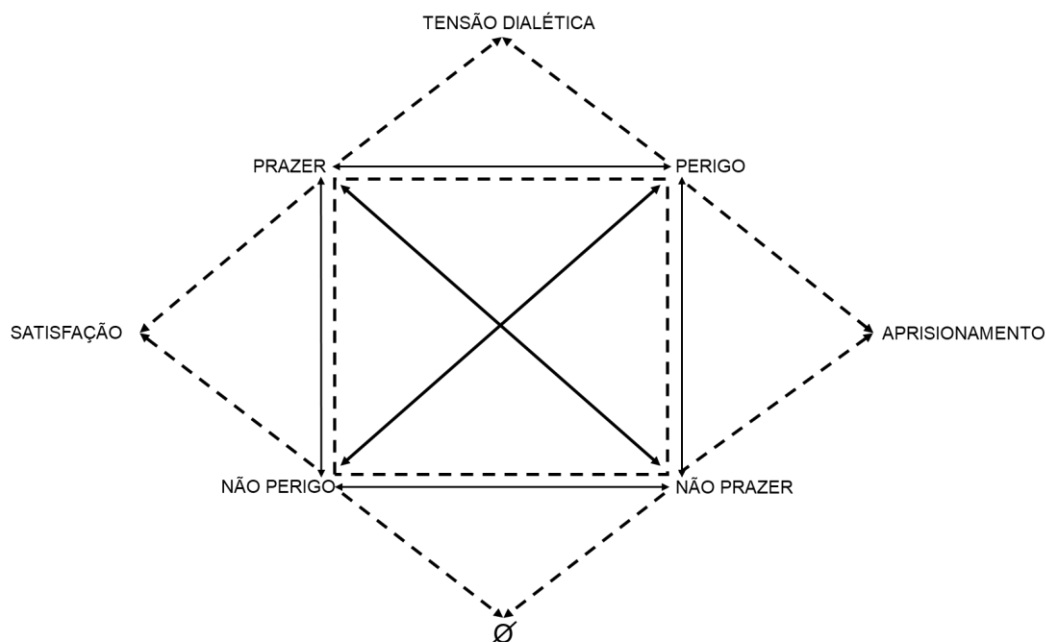
A falta de reconhecimento e de valorização da diversidade e da pluralidade das pessoas surdas, que possuem diferentes graus de perda auditiva, diferentes formas de comunicação, diferentes escolhas e trajetórias de vida, diferentes opiniões e posicionamentos políticos, etc.

Essas ações podem gerar sentimentos de exclusão, de isolamento, de frustração, de revolta, de tristeza, de baixa autoestima, de invisibilidade, de desvalorização, de injustiça, de violação de direitos, entre outros, nas pessoas surdas. Esses sentimentos podem afetar negativamente a qualidade de vida, a saúde mental, a participação social, a cidadania, a autonomia e a emancipação das pessoas surdas.

Cena 4

Nesta cena propomos uma possível análise do percurso gerativo de sentido do texto, baseado na teoria de Greimas, é a seguinte:

No nível fundamental, o texto apresenta uma oposição semântica entre o prazer e o perigo, que são valores eufóricos e disfóricos, respectivamente. Essa oposição pode ser representada pelo octógono semiótico:



No octógono representado acima, podemos observar que os valores surgem de acordo com as relações dos sujeitos no relato. Inicialmente vemos o prazer e o perigo que compõem a dêixis positiva, esses elementos são contrários em sua relação. Na parte inferior vemos a dêixis negativa e a relação se dá entre o não perigo e o não prazer.

Da mesma forma observamos que nas linhas diagonais temos relações de contradição, no caso são estabelecidas entre: perigo e não perigo, também entre prazer e não prazer. As linhas verticais mostram o eixo de implicação onde prazer e não perigo implicam em satisfação, também vemos perigo e não prazer implicarem em aprisionamento.

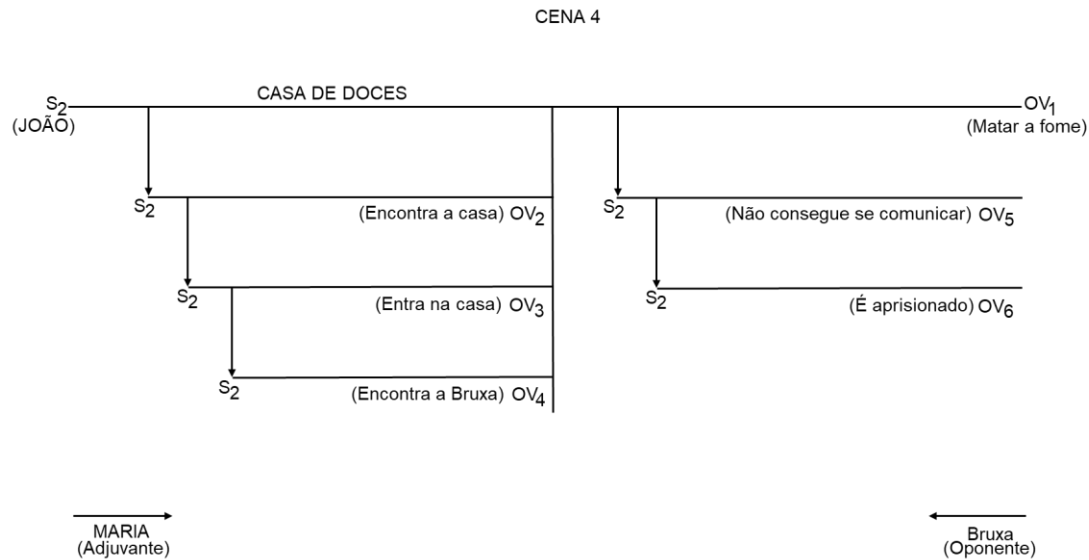
Assim, o não prazer e o não perigo constituem a inexistência semiótica, representada pelo símbolo de vazio ($\emptyset$).

Essa tensão entre “satisfação” e “aprisionamento” acontece no relato considerando que os surdos buscam no aspecto da vida social a inclusão nos mais diversos espaços.

No nível narrativo, o texto organiza a narrativa do ponto de vista do sujeito, que é João. Ele tem um objetivo, que é matar a fome e escapar da bruxa, sendo esta sua oponente. Ele também tem um ajudante, que é Maria, e

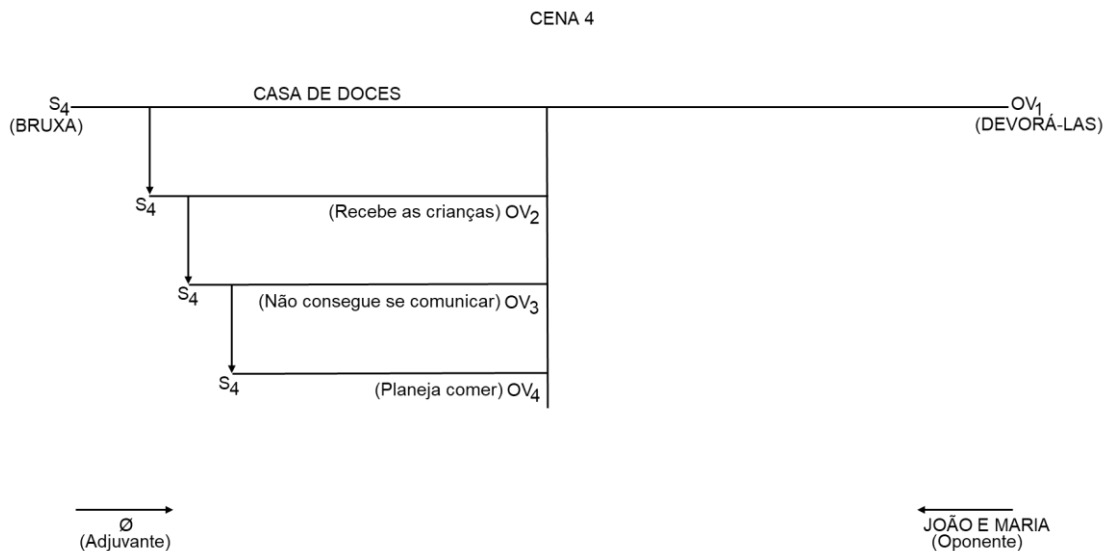
um objeto, que é a casa de doces. O texto pode ser dividido em dois programas narrativos:

- PN1: Eles chegam a uma casa feita de doces.



No diagrama representado acima, vemos o percurso para alcançar o OV1 que é matar a fome, e nesse percurso o S2 encontrou a casa de doces (OV2), entrou na casa (OV3), encontra a bruxa. (OV4). Não consegue se comunicar (OV5) e então é aprisionado (OV6). João tem um adjuvante, que é Maria, e a Bruxa, age como oponente no percurso.

- PN2: A bruxa que quer devorá-los.



Neste diagrama representado acima, vemos o percurso para alcançar o OV1 que é devorar as crianças, e nesse percurso o S4 encontra as crianças e as recebe (OV2), não consegue se comunicar (OV3) e planeja comê-los (OV4). A bruxa não tem um adjuvante, e João e Maria agem como oponentes durante todo o percurso.

No nível discursivo, o texto assume a perspectiva do sujeito da enunciação, que é o narrador. Ele utiliza a língua portuguesa escrita como plano de expressão e a língua de sinais como plano de conteúdo. Ele também temporaliza a narrativa, usando o pretérito perfeito. Ele ainda marca a modalização do sujeito, mostrando que ele é curioso e assustado.

Ainda de forma figurada podemos relacionar com situações sociais onde os surdos tentam se incluir em ambientes, e acabam se sentindo enganados, ou aprisionados. Algumas tentativas de inclusão das pessoas como aprender e usar a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como primeira língua e como forma de expressão e comunicação com outras pessoas surdas e ouvintes, permitindo o acesso à informação, à educação, à saúde, à cultura e ao lazer. Aprender Libras pode significar uma mudança radical na forma de se relacionar com o mundo, pois possibilita perceber sentidos e gestos compartilhados culturalmente.

A falta da tradutores-intérpretes de Libras nas universidades, e em outros ambientes educacionais, mesmo com as garantias das leis que asseguram a acessibilidade aos surdos, mas na prática não se efetiva totalmente. Muitas escolas assumem a política de inclusão com o discurso afirmando de “melhor estratégia”, desconsidera as narrativas do público surdo; desconsidera o currículo escolar específico priorizando a Libras como língua de instrução; e não fornece a disciplina de Libras no currículo, que seria um elemento básico para a efetivação da inclusão escolar, proporcionando a comunicação entre surdos e ouvintes.

A participação em associações, movimentos, grupos e eventos da comunidade surda, que promovem a valorização da identidade, da cultura e da língua surda, bem como a defesa dos direitos e dos interesses das pessoas

surdas. Esses espaços também favorecem o contato, a troca, o apoio e a integração entre as pessoas surdas, fortalecendo os laços de pertencimento e de solidariedade³.

Para serem incluídos os surdos também buscam oportunidades de educação, trabalho, saúde e lazer que respeitem e atendam às especificidades e às necessidades das pessoas surdas, garantindo a acessibilidade comunicativa, a qualidade dos serviços, a autonomia e a sua participação. Isso implica em exigir e fiscalizar o cumprimento das leis e das políticas públicas voltadas para a inclusão das pessoas surdas, bem como em denunciar e combater as situações de discriminação, violação e exclusão⁴.

No entanto, algumas pessoas surdas também podem se sentir enganadas por pessoas que se aproveitam da condição de surdez, como por exemplo:

Pessoas que se passam por intérpretes, professores ou profissionais de Libras, mas que não possuem a formação, a competência ou a ética necessária para exercer essas funções. Essas pessoas podem prejudicar a comunicação, a aprendizagem, o desenvolvimento e a confiança das pessoas surdas, além de desrespeitar a língua e a cultura surda.

Situações que exploram financeiramente as pessoas surdas, cobrando valores abusivos por produtos, serviços ou benefícios relacionados à surdez, como aparelhos auditivos, serviços de saúde, cursos de Libras, intérpretes etc. Essas pessoas podem se aproveitar da falta de informação, de orientação ou de apoio das pessoas surdas, que muitas vezes não têm acesso aos seus direitos ou às alternativas disponíveis.

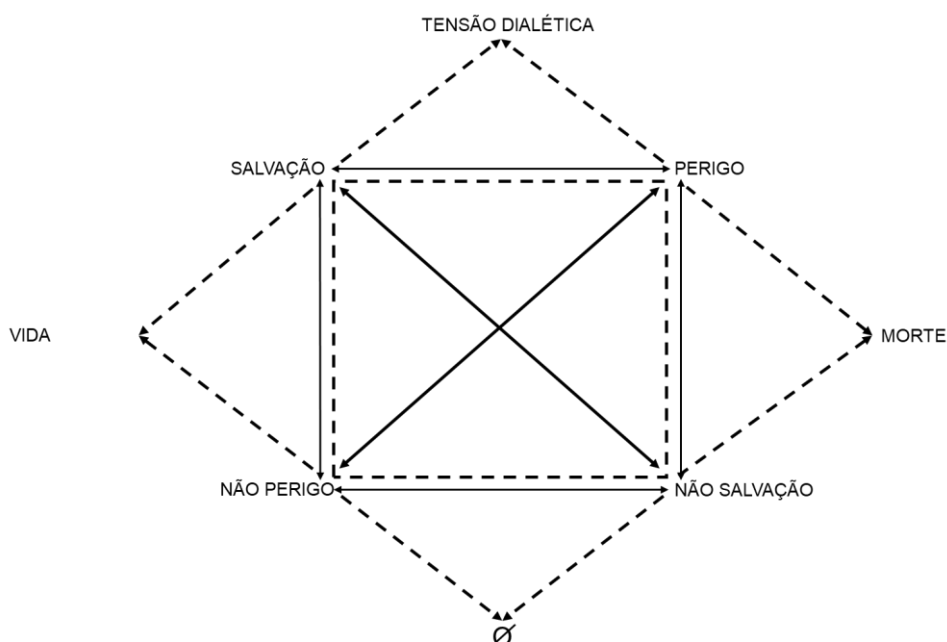
Pessoas que manipulam ou coagem as pessoas surdas, impondo suas visões, opiniões ou interesses sobre questões que afetam a vida das pessoas surdas, como a escolha da modalidade comunicativa, a adesão a tratamentos médicos, a participação em grupos religiosos, políticos ou sociais etc. Essas pessoas podem desconsiderar à vontade, a identidade e a diversidade das

peessoas surdas, tentando moldá-las conforme seus próprios padrões ou expectativas, gerando a sensação de aprisionamento.

Cena 5

Nesta cena, uma possível análise do percurso gerativo de sentido do texto, baseado na teoria de Greimas, é a seguinte:

No nível fundamental, o texto apresenta uma oposição semântica entre o perigo e a salvação, que são valores disfóricos e eufóricos, respectivamente. Essa oposição pode ser representada pelo octógono semiótico:



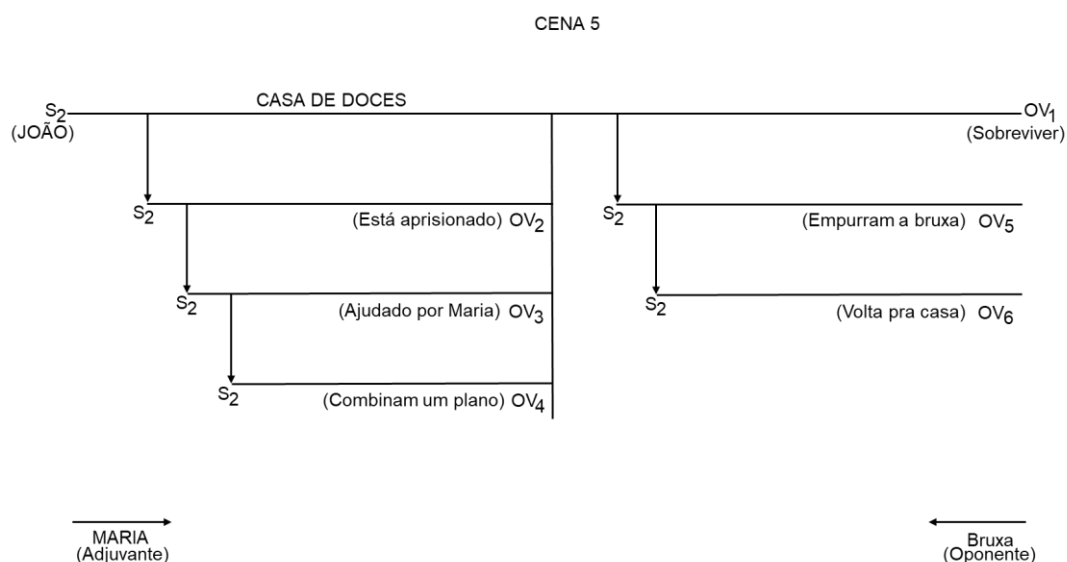
De acordo com o octógono acima, podemos observar que os valores surgem de acordo com as relações dos sujeitos no relato. Inicialmente, vemos a salvação e o perigo que representam a dêixis positiva, esses elementos são contrários em sua relação. Na parte inferior vemos a dêixis negativa e a relação se dá entre a não salvação e o não perigo.

Nas linhas diagonais temos relações de contradição, no caso são estabelecidas entre: salvação e não salvação, também entre o perigo e não perigo. As linhas verticais mostram o eixo de implicação onde a salvação e não perigo implica na vida, também vemos o perigo e a não salvação implicarem em morte.

Desta forma, a não vida e a não salvação constituem a inexistência semiótica, representada pelo símbolo de vazio ($\emptyset$). A tensão entre “vida” e “morte” acontece no relato e podemos correlacionar com resistência que os pares surdos adquirem quando estão unidos com um mesmo objetivo.

No nível narrativo, o texto organiza a narrativa do ponto de vista do sujeito, que é João. Ele tem um objetivo, que é escapar da bruxa e voltar para casa, e um anti-sujeito, que é a bruxa. Ele também tem um ajudante, que é Maria, e um objeto, que é a casa de doces. O texto pode ser dividido em dois programas narrativos:

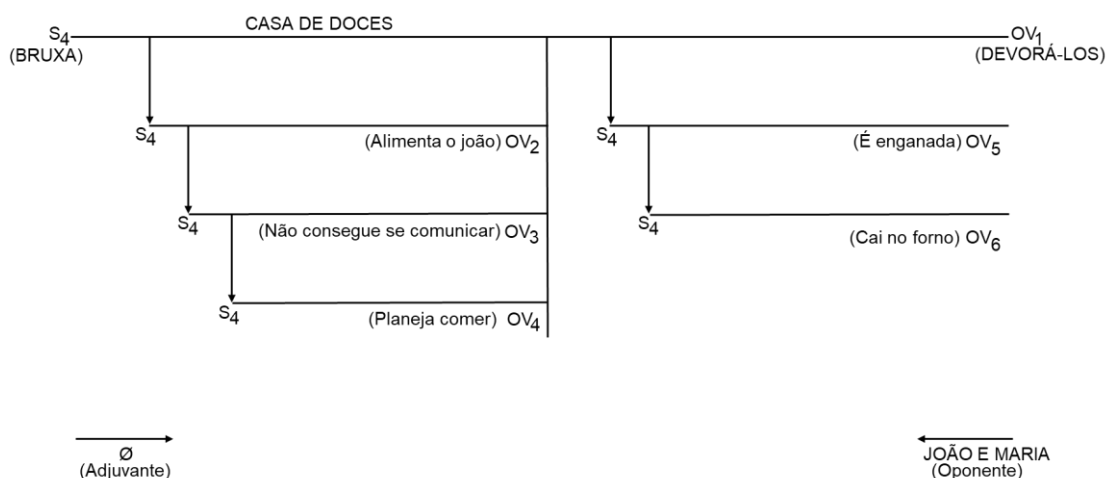
PN1: João e Maria usam a inteligência e a cooperação para escapar da bruxa.



Acima, neste diagrama representado, vemos o percurso para alcançar o OV1 que é sobreviver, e nesse percurso o S2 se encontra aprisionado (OV2), é ajudado por Maria (OV3) combinam um plano (OV4), empurram a bruxa no forno (OV5) e conseguem retornar para casa. João tem uma adjuvante que é Maria, e a bruxa age como oponente durante todo o percurso.

PN2: A bruxa é enganada

CENA 5



Acima, neste diagrama, vemos o percurso para alcançar o OV1 que é devorá-las, e nesse percurso o S4 alimenta João (OV2), não consegue se comunicar (OV3) planeja comer o João (OV4), a bruxa é enganada (OV5) e cai no forno (OV6). A bruxa não tem um adjuvante, e João e Maria agem como oponentes durante todo o percurso.

No nível discursivo, o texto assume a perspectiva do sujeito da enunciação, que é o narrador. Ele utiliza a língua portuguesa escrita como plano de expressão e a língua de sinais como plano de conteúdo. Ele também temporaliza a narrativa, usando o pretérito perfeito. Ele ainda marca a modalização do sujeito, mostrando que ele é valente e esperto.

Podemos considerar a união entre os personagens surdos como um reflexo das lutas coletivas desta comunidade, esta união dos indivíduos surdos em comunidades é uma forma de resistência, de afirmação e de valorização da surdez como uma diferença linguística, cultural e identitária. As comunidades surdas são grupos sociais que compartilham a Libras como meio de comunicação e expressão, além de costumes, valores, crenças, histórias e lutas comuns. As comunidades surdas também acolhem e apoiam as pessoas surdas e seus familiares, oferecendo espaços de convivência, de aprendizagem, de lazer e de participação social.

As lutas coletivas que as pessoas surdas enfrentam são diversas e históricas, pois envolvem a reivindicação e a garantia de seus direitos linguísticos, educacionais, culturais, políticos, sociais e humanos.

A conscientização e a sensibilização da sociedade ouvinte sobre as pessoas surdas, a Libras e a cultura surda, combatendo o preconceito, a discriminação e a exclusão que as pessoas surdas sofrem em diversos contextos. Essa luta busca promover o respeito, a valorização e a celebração da diversidade e da pluralidade das pessoas surdas, reconhecendo-as como sujeitos de direitos, de saberes e de expressões.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O teatro em Libras é uma forma de arte que pode ensinar sobre os valores culturais da comunidade surda, pois permite que as pessoas surdas se expressem em sua própria língua, valorizando sua identidade, sua cultura e sua diversidade, promovendo o diálogo, a interação, a cooperação e a integração entre as pessoas surdas e as pessoas ouvintes, criando pontes de comunicação e compreensão entre os dois mundos.

Acima de tudo, o professor de Libras pode usar a literatura para ensinar sobre uma boa forma de Língua Brasileira de Sinais é fortemente visual. A linguagem das obras literárias é uma forma de Libras mais valorizada; com ela se criam imagens visuais ou sinais originais e criativos que chamam atenção. A literatura pode ensinar sobre a cultura surda, que faz parte do ensino de Libras, porque o conteúdo das narrativas originais em língua brasileira de sinais e dos poemas, das piadas e das peças de teatro surdo mostra o que um autor surdo e o seu público acham importante para representar a visão da sua cultura surda.

Os textos literários também oferecem exemplos para o ensino de tradução-interpretação. Os formandos já são fluentes em Libras, mas os textos mostram uma forma da Libras mais visual e menos parecida à língua portuguesa. Isso ajuda a aperfeiçoar a língua dos intérpretes e pode estimular novas estratégias de tradução. Por fim, podemos utilizar a literatura em Libras para ensinar sobre a própria literatura, mostrando as possibilidades e novos limites da literatura produzida na comunidade surda para os estudiosos dessa área.

Estimulam a criatividade, a imaginação, a sensibilidade e a criticidade das pessoas surdas, possibilitando que elas expressem suas ideias, sentimentos, opiniões e vivências por meio de gestos, expressões faciais e corporais, desenvolvendo habilidades artísticas, comunicativas, cognitivas, sociais e emocionais das pessoas surdas, contribuindo para sua formação integral, sua autoestima, sua autonomia e sua cidadania.

Sensibiliza e conscientiza a sociedade ouvinte sobre a surdez, a Libras e a cultura surda, combatendo o preconceito, a discriminação e a exclusão que as pessoas surdas sofrem em diversos contextos.

Concluimos que os estudos semióticos e a literatura produzida na comunidade surda são importantes para compreender e valorizar as formas de expressão e comunicação dos surdos, bem como sua cultura e identidade.

A semiótica é a ciência que estuda os signos e os sistemas de significação, e pode ser aplicada à análise das línguas de sinais e de literatura em libras, que são línguas naturais e visuais, com estruturas e gramáticas próprias. A literatura produzida na comunidade surda é um tipo de produção artística e cultural dos surdos, que utiliza a língua de sinais como meio de criação e transmissão de histórias, poemas, contos, lendas, entre outros gêneros. Este tipo de literatura revela as experiências e as vivências dos surdos, suas formas de ver e interpretar o mundo, seus valores e suas lutas. Pesquisar estudos semióticos e a literatura produzida na comunidade surda é uma forma de reconhecer e respeitar a diversidade linguística e cultural dos surdos, e de contribuir para a sua inclusão e emancipação na sociedade.

Considerando os objetivos propostos, pudemos identificar os festivais onde o gênero drama foi apresentado, mas ainda há poucos registros, dificultando a elaboração de um catálogo das obras disponíveis do gênero drama adaptadas na comunidade surda brasileira.

Foi possível identificar os valores semióticos na obra de literária selecionada, João e Maria e possibilitou uma análise baseada nos três níveis do percurso gerativo de sentido da semiótica greimasiana.

8. REFERÊNCIAS

- ARRIVÉ, Michel. **De Greimas a Jacques Geninasca**. Por uma semiótica da fala. Galáxia, São Paulo, n. 9, p. 13-24, 2005.
- BARROS, D. L. P. **Teoria Semiótica do texto**. Editora Parma LTDA, 4. ed. - São Paulo, 2005.
- BARROS, D. L. P. **Teoria Semiótica do Texto**. São Paulo: Editora Ática, 2002.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria Semiótica do Texto**. São Paulo: Editora Ática, 1990.
- BATISTA, M.F.B.M. **A Acta homenageia seu fundador**. Acta semiótica et lingüística. João Pessoa, v. 14, p. 9-13, n.1, 2009.
- BATISTA, M.F.B.M. **A semiótica: caminhar histórico e perspectivas atuais**. Rv. De Letras nº25, vl ½ jan/dez. 2003.
- BATISTA, M.F.B.M. **Anais da 61ª Reunião Anual da SBPC**, Manaus, AM, julho, 2009.
- BATISTA, M.F.B.M. **Estudos em literatura popular II** (organizadora) et al. João Pessoa: Editora UFPB, 2011.
- BATISTA, M.F.B.M. **O gênero literário de expressão popular – Valores literários de ontem e de hoje**. Maria do Socorro Silva de Aragão, Neide Medeiros Santos, Ana Isabel de Souza Leão Andrade (Orgs). João Pessoa: Mídia Gráfica e Editora 2015.
- BATISTA, M.F.B.M. **O percurso gerativo da significação**. Revista do GELNE Vol. 3 No. 1, 2001.
- BATISTA, M.F.B.M; RASTIER, François (Org.). **Semiótica e cultura: dos discursos aos universos construídos**. João Pessoa: Editora Universitária, 2015.

BATISTA, Maria de Fátima Barbosa de Mesquita. **Anais da 61ª Reunião Anual da SBPC** - Manaus, AM - Julho/2009.

BATISTA, Maria de Fátima Barbosa de Mesquita. **Estudos em literatura popular II** (organizadora) et al. João Pessoa: Editora UFPB, 2011.

BOLDO, J.; SCHLEMPER, M. D. S. **Literatura surda: uma questão de cultura e identidade. Transversal** - Revista em Tradução, Fortaleza, v. 4, n. 7, p. 79-92, 2018.

BRASIL, **Lei da LIBRAS**. Lei nº 10.436\2002 regulamentada pelo Decreto 5.626\2005.

BRASIL. Lei n. 939, de 26 de setembro de 1857. **Fixa a despesa e orça a receita para o exercício de 1858-1859**. Coleção das leis do Império do Brasil, Rio de Janeiro, parte 1, p. 37, 1857.

CAMPOS, M.L.I.S. **Cultura surda: possível sobrevivência no campo da inclusão na escola regular?** UFSC, 2008. Disponível em: <https://zh.scribd.com/doc/79687962/Mariana-Campos>. Acessado em 12, maio, 2021.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Nacional. 1976.

CARVALHO, J. M. **O ideal de completude narcísica e o adolescente surdo: um estudo clínico**. 2000. Dissertação de mestrado não-publicada, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.

CASTRO, Nelson Pimenta. **A tradução de fábulas seguindo aspectos imagéticos da linguagem cinematográfica e da língua de sinais**. Florianópolis. UFSC.2012.

CLÍNICA SONORA. **Literatura surda: o que é e qual sua importância**. Disponível em: <<https://clincasonoraweb.com.br/literatura-surda-o-que-e-e-qual-sua-importancia/>> Acesso em: 30, novembro de 2023.

COMPAGNON, A. **O demônio da teoria: Literatura e senso comum**. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.

COURTÉS, J. **Introdução á Semiótica Narrativa e Discursiva**. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.

DERRIDA, J. **Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida**. Trad. Marileide Dias Esqueda. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

DIB, Caio. **Teatro em libras: a arte como ponte entre os mundos surdo e ouvinte**. Caio Dib, 2016. Disponível em: <<https://www.caiodib.com.br/blog/teatro-em-libras-arte-como-ponte-entre-os-mundos-surdo-e-ouvinte/>>. Acesso em: 01, dez. 2022.

EAGLETON, T. **A ideia de cultura**. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

EAGLETON, T. **Teoria da Literatura: uma introdução**. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FELIPE, I. **Quando da vida se faz escrita**, Apoios Educativos, 4, 10 – 12. 2001.

FERNANDES, M. T. O. S. **Trabalhando com os gêneros do Discurso: narrar: Fábula**. São Paulo: FTD, 2001.

FINAU, R. **Possíveis encontros entre cultura surda, ensino e linguística**. In: QUADROS, R. M. Estudos surdos I. Petrópolis: RJ: Arara Azul, 2006. p.216 – 251. Disponível em: Acesso em: 11 maio, 2021.

FIORIN, J. L. **Elementos da Análise do Discurso**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto/Edusp, 1989 (Série Repensando a Linguagem).

FRANCISCO, G.S.A.M. **Uma dinâmica familiar diferenciada** In PEIXOTO, J.A e Vieira, M.R, Artefatos culturais do povo surdo: discussões e reflexões. – João Pessoa: Sal da Terra, 2018, 206 p.

GOMIDES, P. A. D.; CARVALHO, G. T.; ROCHA, T. C. da C. **Literatura surda e percursos sócio-históricos de formação de dois professores surdos.** Trabalhos em Linguística Aplicada, Campinas, SP, v. 60, n. 3, p. 735-747, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tla/a/MTZccxwhFXzyLWPzGSbF8FC/>>. Acesso em: 14 nov. 2023.

GOODMAN, N. **Quando é arte?** In: GOODMAN, N. Modos de fazer mundos. Lisboa: Asa, 1995

GREIMAS, A. J. e COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica.** São Paulo: Cultrix, 1989 HALL, S. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo.** Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 22, nº 2, p.15-46, jul./dez. 1997.

GREIMÁS, A. J.; COURTÉS. **Dicionário de Semiótica.** Trad. De Alceu Dias Lima e outros. São Paulo, Cultrix, 1989.

HALL, Stuart.. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo.** Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 22, nº 2, p.15-46, jul./dez. 1997.

HARRISON, K.M.P. **O momento do diagnóstico de surdez e as possibilidades de encaminhamento.** In: LACERDA, C.B.F.; NAKAMURA, H.; LIMA, M.C. (Org.). Fonoaudiologia: surdez e abordagem bilíngüe. São Paulo: Plexus, 2000. p. 114-122.

MACHADO, F. A. **Simetria na Poética Visual na Língua de Sinais Brasileira.** Florianópolis: UFSC, 2013. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br> acessado em 28/09/2018.

MARTELOTTA, M. E. **Manual de Linguística.** 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MATTE, Ana Cristina Fricke; LARA, Glaucia Muniz Proença. **Um panorama da semiótica greimasiana**. Alfa, São Paulo, v. 53, n. 2, p. 11-36, 2009.

MORI, N. N. R. E SANDER, R. E. **A história da educação dos surdos no Brasil**. Universidade Estadual de Maringá, 2015.

NÖTH, W. **Panorama da semiótica: de Platão a Pierce**. São Paulo. Annablume, 1995 OSIMO, B. Logos group: curso de Tradução, Modena.

OLDO, J. B.; SCHLEMPER, M. D. S. **Literatura surda: uma questão de cultura e identidade**. Revista de Letras, Fortaleza, v. 38, n. 1, p. 67-74, jan./jun. 2018.

PAIS, C. T. **Sociosemiótica, Semiótica das culturas e processo histórico: liberdade, civilização e desenvolvimento**. In: Anais do V Encontro da Anpoll. Porto Alegre: Anpoll, 1991.

PEIXOTO, J. A. **A tradição literária no mundo visual da comunidade surda brasileira**. Coleção Pós Letras. Vol 2. João Pessoa: PPGL/UFP, 2020.

PEIXOTO, J. A. e PORTO S. **Literatura Visual**. In Faria, E.M.B. **Língua Portuguesa: Teorias e Prática**. João Pessoa. Editora Universitária da UFPB, 2011.

PEIXOTO, J. A. e VIEIRA, M. R. (Org). **Artefatos culturais do povo surdo: discussões e reflexões**. – João Pessoa: Sal da Terra, 2018, 206 p.

PEIXOTO, J. A. **O Registro da Beleza nas Mãos: A Tradição de Produções Poéticas em Língua de Sinais no Brasil**: UFPB, 2016.

PEIXOTO, J.A e POSSEBON, F. **A heterogeneidade nas produções literárias da comunidade surda brasileira**. In PEIXOTO, J.A e Vieira, M.R. **Artefatos culturais do povo surdo: discussões e reflexões**. – João Pessoa: Sal da Terra, 2018, 206 p.

PEIXOTO, J.A; SOUSA, L. J. G; VIEIRA, M.R e PEIXOTO, R.L. **Mergulhando na cultura surda, uma vivência de mundo baseada em experiências**

visuais. In PEIXOTO, J.A e Vieira, M.R, Artefatos culturais do povo surdo: discussões e reflexões. – João Pessoa: Sal da Terra, 2018, 206

PEIXOTO, R. L. **Fábulas na Comunidade Surda: Estratégias que Concorrem para a Clareza e Estética da Produção:** UFPB, 2015.

PERLIN, G. T. T. **Identidade Surda.** In Skliar, C. (org.). A Surdez: um Olhar Sobre as Diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998, pp. 51-72.

RASTIER, F. **Ação e sentido por uma semiótica das culturas.** João Pessoa: Ideia/Editora Universitária, 2010.

REGIS, L. C. **Reinvenção da Cultura Popular na Música de Beto Brito: Uma Abordagem Semiótica:** UFPB, 2013.

ROMANOWSKI, J. P., & Ens, R. T. (2006). **As pesquisas denominadas do tipo “Estado da Arte”.** Revista Diálogo Educacional, 6.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes – uma viagem ao mundo dos Surdos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SANTAELLA, L. **Introdução à semiótica: passo a passo para compreender os signos e a significação** / Winfried Nöth, Lucia Santaella. — São Paulo: Paulus, 2017. — Coleção Introduções.

SANTOS, L. F. dos; QUADROS, R. M. de. **Literatura surda e percursos sócio-históricos de formação identitária.** Trabalhos em Linguística Aplicada, Campinas, v. 49, n. 2, p. 413-430, jul./dez. 2010.

SANTOS, S. M. D. O. e BATISTA, M.F.B.M. **Transcodificação de Contos Populares para Língua Brasileira de Sinais: Uma Leitura Semiótica da Cultura Surda.** João Pessoa, 2017, 261f.

SEGALA, R. R. **Tradução Intermodal e intersemiótica interlingual:** Português brasileiro escrito para Língua Brasileira de Sinais. Florianópolis.

SILVA, A. **Literatura em Libras: conhecendo a produção literária em língua de sinais,** 24 dez. 2021. Disponível em:

<<https://www.blogs.unicamp.br/marcapaginas/2021/12/24/literatura-em-libras-conhecendo-a-producao-literaria-em-lingua-de-sinais/>> Acesso em: 14 nov. 2023.

SKLIAR, C. **Una mirada sobre los nuevos movimientos pedagógicos en la educación de los sordos**, Para além do silêncio, 7- 8. 1998

SLOMSKI, V. G. **Educação Bilíngue para Surdos: concepções e implicações práticas**. (2010)

STRÖBEL, K. L. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2008.

STRÖBEL, K. L. Cap. I. **História dos surdos: Representações “mascaradas” das identidades surdas**. Estudos Surdos II / Ronice Müller de Quadros e Gladis Perlin (organizadoras). – Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007. (cap. I. pag. 18 a 37)

VELHO, A. P. M. **A semiótica da cultura: apontamentos para uma metodologia de análise da comunicação**. Revista de Estudos da Comunicação, Curitiba, v. 10, n. 23, p. 249-257, set./dez. 2009.

VELOSO, É.; MAIA F. V. **Aprenda LIBRAS com eficiência e rapidez**. vol.1. Curitiba, PR: Mãos Sinais, 2009.

WRIGLEY, O. **The Politics of Deafness**. Gallaudet University Press. Washington, D.C., 1996.

ANEXO I

Obra adaptada: JOÃO E MARIA SURDOS

Autores: Nielson Firmino de Oliveira e colaboração dos alunos da turma de extensão do módulo V, no semestre 2019.2

Texto escrito para representação teatral em língua de sinais

Narrador: Era uma vez duas crianças, um irmão e uma irmã, que eram surdos. Seus nomes eram João e Maria. Eles moravam com o pai e com a madrasta. O pai deles era lenhador. A vida da família era difícil e cheia de sacrifícios por serem muito pobres. Uma noite as crianças acordaram, e veem uma conversa na sala ao lado, que aparentava ser bem calorosa.

Madrasta: Eles são surdos e ainda mais comem muito. Se eles continuarem comendo assim, logo vamos todos morrer de fome. Temos que nos livrar deles e vamos fazer isso amanhã. (Expressões faciais de raiva)

Pai: Não acho uma boa ideia, eu não quero abandonar meus filhos. (Cara de choro)

Narrador: Mas a mulher dele era muito persistente. E ela continuou falando e falando...

Madrasta: Como vão trabalhar? Estudar e ajudar a conseguir comida? (raivosa e gesticula apontando para fora de casa)

Pai: certo, vamos! (Triste)

Maria: João, amanhã nós vamos morrer! (chorosa) o que vamos fazer?

João: Calma Maria nós vamos sobreviver, volte a dormir. Tire uma boa noite de sono! (Preocupado)

Narrador: E assim que Maria dormiu, ele saiu e encheu seus bolsos com o máximo de suas pedrinhas coloridas com as quais costumava brincar. Depois, voltou para a cama. Na manhã seguinte a família acordou cedo.

Madrasta: Hoje nós vamos cortar algumas madeiras para o inverno. Peguem esses pedaços de pão e não comam antes do meio-dia, caso contrário, vocês ficarão com fome muito cedo.

João: Guarde esses pães Maria, porque os meus bolsos já estão cheios de pedrinhas coloridas.

Narrador: Eles entraram na floresta densa. No caminho, João dava alguns passos, parava e jogava uma das pedrinhas atrás dele, sem avisar nada para ninguém. Depois de um tempo, eles todos pararam.

Madrasta: Sentem-se quietinhos e esperarem nós já voltamos. (com um sorriso)

(O pai deles não diz nada)

Narrador: João e Maria esperaram o dia inteiro. Eles não estavam acreditando que o pai realmente os abandonara. Mas, após o sol se pôr, eles perceberam que tudo o que eles viram na noite anterior era verdade.

João: Não se preocupe Maria, eu joguei algumas pedrinhas por todo o caminho vindo para cá. Vamos comer nosso pão e dormir. Amanhã de manhã a gente volta para casa e chegaremos perto do meio-dia. Confie em mim.

Narrador: E foi isso que fizeram. Na manhã seguinte, eles seguiram a trilha que João havia feito, e foram andando na direção de casa. (O pai deles ficou tão feliz ao vê-los novamente que ele não conseguiu dizer nada, apenas os abraçou o mais forte e por mais tempo que ele pôde).

Narrador: Quando a noite chegou, as crianças viram a madrasta conversando novamente com o pai.

Madrasta: Dessa vez nós os levaremos para outro lugar mais distante ainda dentro da floresta, num lugar que nunca viram antes, assim eles não conseguirão mais voltar para cá. (Madrasta ri)

Pai: Do que você está falando?! Nós não vamos deixá-los sozinhos na floresta novamente! (Pai triste)

Madrasta: Você quer mesmo morrer de fome? Seus filhos não servem para trabalhar! (O pai não responde).

(João corre para tentar pegar as pedrinhas coloridas, mas dessa vez, a porta estava trancada)

Madrasta: peguem esses pequenos pedaços de pão para o almoço.

(No caminho para a floresta)

João: (joga migalhas de pão por trás dele)

Narrador: Eles andaram por horas e horas.

Madrasta: Aqui me parece ser um bom lugar. Vocês dois podem tirar um cochilo enquanto eu e seu pai cortamos madeira.

Maria: (divide seu pedaço de pão com João, e depois dormem)

Narrador: Já era noite quando eles acordaram e estava escuro demais para conseguirem enxergar as migalhas. Mas João disse para Maria:

João: calma! Nós vamos voltar para casa na manhã, com certeza.

Narrador: Quando eles acordaram, viram que tinha algo errado.

João: Nós nunca vamos encontrar o caminho de volta pra casa agora. Os pássaros e formigas comeram as migalhas. (chorou com medo e agora foi a vez de Maria ser a corajosa)

Maria: Vamos andar. Tenho certeza de que conseguiremos encontrar nossa casa. (Maria está confiante)

Narrador: Eles andaram o dia inteiro. Já estavam com muita fome e muito cansados quando viram um passarinho branco em um galho de árvore. O passarinho voou, e os irmãos decidiram segui-lo. Avistaram luzes e uma casa colorida e quando eles chegaram perto, viram que a casa foi toda construída com chocolate, o telhado era de bolo e as janelas feitas de açúcar transparente.

(As crianças começaram a comer a casa - João pegou um pedaço do telhado, enquanto Maria devorou um pedaço da parede)

Bruxa: (abre a porta) Quem está comendo o meu telhado e paredes?! (quando ela vê as crianças, falou novamente, dessa vez, fala com calma)

Narrador: Ao perceber que as crianças não respondiam a bruxa percebeu que eram surdas e estavam com fome, passou a mostrar vários banquetes e comidas deliciosas.

Bruxa: Por favor, venham. Estou vendo que estão famintos. Farei para vocês um delicioso café da manhã!

Narrador: Eles entraram. A velhinha fez panquecas com calda doce e ofereceu

a eles leite para beber. Mas algo muito ruim iria acontecer. (Os irmãos ficam muito felizes, pensando terem encontrado o paraíso)

Bruxa: (Pega João pela mão, com olhar mal, faz gargalhada bizarra muito alta)

Bruxa: Crianças estúpidas! Vocês não perceberam que eu fiz essa casa para atrair vocês? Agora eu vou engordar você, menino, para depois comê-lo. (Bruxa faz mímicas e gestos para dizer que João vai comer e ficar gordo, em seguida vai comê-lo)

Narrador: Ela jogou João dentro de um quarto pequeno e escuro. E o trancou lá.

João e Maria: velhinha má, é uma bruxa!

Bruxa: (Ela quase não enxergava, mas conseguia sentir muito bem os cheiros)

Narrador: Não importava o quanto as crianças chorassem, a bruxa não tinha piedade.

Bruxa: (acorda e vai no quarto ver João) Mostre seu dedo, menino. Deixe-me ver se você engordou.

João: (mostrava um pequeno pedaço de osso, e por conta da péssima visão da bruxa)

Bruxa: Ahhhhh! (Ela estava furiosa porque ele continuava sempre magrinho)

Narrador: Quatro semanas se passaram e a bruxa perdeu sua paciência.

Bruxa: (Tocou em Maria) “Ei, você! Essa é a maior panela da cozinha, encha de água até a borda! Eu não ligo que seu irmão esteja tão magro. Vou cozinhar ele hoje mesmo!” (Bruxa gesticula apontando para a panela e para a vasilha de água.)

Maria: (Reza por um milagre, mas quando ela acabou de encher o caldeirão, a bruxa a ajudou a colocar dentro de um grande forno)

Bruxa: (A velhinha acende o fogo, empurra Maria para o forno e diz) Entre aí e veja se a água já está fervendo!

Maria: Como é que vou entrar no forno? Por favor mostre-me como fazer, que depois eu vou checar a água.” (Maria finge não entender a bruxa falando e pede pra bruxa entrar primeiro)

Bruxa: O que há com você? (raiva) É tão fácil! Olhe, você só precisa pisar aqui e.... (Maria empurrado a bruxa para dentro do forno e fecha a porta do forno rapidamente)

Bruxa: Aaaaaaaaaahhh!!!”

Narrador: A bruxa malvada queimou até ficar crocante. Maria foi correndo libertar seu irmão João. Destrancou a porta e deu-lhe um grande abraço.

Maria: João, meu irmão querido, a bruxa está morta. Vamos sair desse maldito lugar e achar nosso caminho de casa! (Encontram um baú com várias pedras preciosas e pérolas)

Narrador: Os irmãos andaram por algumas horas antes de conseguirem sair da floresta da bruxa. O sol estava se pondo quando eles finalmente chegaram até a ponte que eles conheciam bem, estavam perto da casa deles.

Maria: Pai! (Acena de longe)

Pai: (Está mais triste do que nunca, pois sua esposa havia morrido)
- Meus filhos queridos! Vocês estão vivos! (se abraçaram)

Maria: (sacode seu avental e as pedras preciosas começaram a cair no chão)

João: (tira todas as pérolas e diamantes que havia colocado em seus bolsos)

Pai: pede perdão e diz que nunca abandonará os filhos por nenhum motivo!

Narrador: Finalmente eles puderam ter uma vida tranquila e viveram felizes para sempre!